



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED

Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



**Artigos sobre Salim publicados em revistas
Volume: 12**

Organização e Digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou - Elisa Camillo
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

| Número | Referências |
|--------|---|
| 001 | CARDOSO, Zak Zangrando. Jogos, emntiras e confissões prematuras. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea , Brasília, n.9, p. 17-29, set./out. 2000. |
| 002 | O CASTELO de Frankenstein, de Salim Miguel, UFSC – Lunardelli, Florianópolis, 1986. In: WILLER, Cláudio. Política cultural, cultura e memória. Pau Brasil , São Paulo, Ano III, n.13, p. 99, jul./ago. 1986. |
| 003 | EU e as Corruíras. De Salim Miguel. Editora Insular, Florianópolis, SC, 2001. In: Resenha. Literatura: Revista do Escritor Brasileiro , Ano 10, n.21, p. 130, ago. 2001. |
| 004 | SILVA, Deonísio da. Imaginosa memória: livros Salim Miguel fez dos contos uma sutil e complexa forma de dar voz quem não a tem. Carta Capital , ano 13, n.447, p. 72, 6 de jun. de 2007. |
| 005 | DIRETAS: Salim Miguel [entrevista]. Ler & Cia, Curitiba, ano 3, n.13, 5 de mar. de 2007 |
| 006 | GONÇALVES, Jonuel. Cartas D'África, de Salim Miguel: registro valioso dos anos 50 e 60. África 21: Revista de Informação, Economia e Análise , Luanda, n.6, p.86-87, jun. 2007. |
| 007 | PRÊMIO Machado de Assis para Salim Miguel. África 21: Revista de Informação, Economia e Análise , Luanda, n.30, p. 88, jun. 2009. |
| 008 | ESCRITOR libanês transforma drama pessoal em romance de sucesso. Carta do Líbano: Revista de Intercâmbio Cultural Líbano-Brasileira , São Paulo, ano 12, n.98, p. 44, 2007 - Literatura |
| 009 | QUEIROZ, Christina Stephano de. Cidadãos do mundo. Revista do Brasil, São Paulo, n.63, p. 34-35, set. 2011. |
| 010 | SAMPAIO, Ivanildo. Conversa: Salim Miguel “O livro é o pobre da cultura”. Continente Cultural , ano 4, n.41, p. 8-11, maio 2004. |
| 011 | SALIM Miguel ganha troféu Juca Pato. A Semana , São Paulo, ano 2, n.48, p. 9, jun. 2002. |
| 012 | PRÊMIO literário: 50 anos da carreira literária de Salim Miguel comemorados com troféu Juca Pato. Líbano , Minas Gerais, ano 1, ed. 0, p. 22, set. 2002. |
| 013 | MELLMANN, Regis. Maktub: estava escrito. Cartaz Cultura & Arte , São Paulo, ano 1, n.1, p. 12-17, dez. 2001 |
| 014 | O SABOR da fome. Globo Rural , São Paulo, n.229, p. 106, nov. 2004. Crônica |
| 015 | RASSIER, Luciana. Nós e enigmas de Salim Miguel. Subtrópicos: revista da Editora da UFSC, Florianópolis, n.16, p.9, fev. 2015, |
| 016 | O ROMANCE da tortura. Manchete , 28 de maio de 1994. |
| 017 | SALIM Miguel: imortalidade, ainda que momentânea. Ô Catarina , n.69, p. 4-5, 2009 |

| | |
|-----|---|
| 018 | SIMOES JR., Antonio. El realismo social em la última obra de Salim Miguel. Veladas: Revista Mensual Literaria de la Bibliotecá Popular "Veladas de Estudio despuès del Trabajo". Ano 1, n.5, p.81, mar. 1957. |
|-----|---|

001

**Estudos de
Literatura
Brasileira
Contemporânea**

nº 9 - Brasília, setembro/outubro de 2000

**AS CONFISSÕES
PREMATURAS**

Zak Zangrando Cardoso
Deane Maria Fonsêca
de Castro e Costa

lbc

grupo de estudos em
literatura brasileira
contemporânea

Jogos, mentiras e *Confissões* *prematuras*

Zak Zangrando Cardoso

Mestrando em Teoria Literária/UnB

I – A história (ou uma tentativa de descobrir a história)

Não importa como vocês chegaram a ficar ali, frente a frente. Você, cheio de expectativas; ele, parado, fechado, esperando. Você desliga (ou pede que desliguem) a televisão, o rádio, o que quer que possa atrapalhar sua concentração, afinal sua atenção é toda dele. Você o leva para uma mesa, para o sofá, até para a cama, já que ele está nas suas mãos. Mas não se pode simplesmente começar assim, sem preparação, sem informações sobre ele. Você percebe o detalhe das orelhas, vê, estuda, mas elas não são de muito auxílio. Em seguida, a parte da frente, a de trás, tudo você analisa em sua busca por elementos que lhe orientem. Ambiente preparado é hora de pôr expectativas e (pré) conceitos à prova, é hora de abri-lo, decifrá-lo.

O livro está na sua frente e antes da primeira letra você considera o título: *As confissões prematuras*. Pensamos no termo: “confissões”, e concluímos que teremos acesso a intimidades, ao interior de alguém. Essas confissões serão “prematuras”, feitas sem esperar por uma melhor elaboração, sem que o tempo e a retórica tomem conta, algo dito “no calor do momento”. À medida que prosseguimos, temos a estranha impressão de que algo está errado: houve algum problema na digitação ou na impressão; o texto foi atingido por um vírus de

computador; não é um romance, mas um esboço que, por acaso, foi publicado antes da hora; e assim por diante. Aos poucos, percebemos uma certa ordem em meio àquele caos, algo que nos parece similar a uma história e nos prendemos a ela. Temos a estranha sensação de estar tentando ver o que acontece do outro lado da rua, mas passam tantas pessoas pela frente que recebemos apenas uma mensagem truncada, pedaços da ação, um discurso onde temos que procurar pela ordem, pelo sentido.

Nosso instinto de ordenação faz com que procuremos uma história em meio àquele emaranhado. Temos um gordo (nem tão gordo, como descobriremos, mas assumo a nomenclatura) e um magro que aparentemente é o narrador. Acompanhamos a história, ou, melhor seria dizer, seguimos, já que “acompanhar” talvez pressuponha um entendimento do que temos à frente. Seguimos então, um atropelamento; um hospital meio difuso, com médicos e enfermeiras que não são vistos, e a sempre presente sala de “interrogatório” onde ouvimos a mesma e repetitiva pergunta:

en-tão-é-is-to-o-que-tem-pra-me-dizer? Na-da-na-da... (CP, 8)¹.

Como estamos muito acostumados a histórias (a discursos seria melhor dizer), começamos a decifrar a trama e os símbolos: um homem atropelado está sem memória e aparentemente teve (ou talvez não) um caso com a mulher do gordo. O gordo prende o magro naquele ambiente claustrofóbico e quer saber a verdade, se era ele o amante. Tudo muito simples depois que você encontra (será que encontra?) a ordem. A chegada da mulher do gordo nem é tão surpreendente, afinal tudo se tratava da dúvida de sempre: traiu ou não traiu?

Quanto à simbologia, fácil, primeiro as formas: o gordo, o magro, a mulher; formas geométricas, o círculo, a reta e as curvas. Segundo, as cores, o branco do hospital, das enfermeiras e dos médicos, o vermelho

dos lábios da mulher, e daí por diante.

Quando estamos novamente nos sentindo confortáveis, felizes por não termos sido enganados pelos fogos de artifício que o texto nos coloca para encobrir a trama, entra em cena o autor (o autor?). Ele mesmo, e pior, ele aparece desdobrando sua fragilidade:

Aqui sou forçado, muito a contra gosto, a me dar voz nesse relato. Abomino tal expediente. Confesso-me inconformado com as freqüentes interpolações, com o constante vai-e-vem que não me permite avançar de forma adequada, com a dificuldade em estruturar determinados trechos. Claro, desagrada-me deixar visível o andaime, minha incapacidade em transmitir com exatidão e coerência, sem aparentes subterfúgios, o caso como me chegou, de que maneira tomei conhecimento desta não-trama. O que pretendia era uma evolução lenta porém firme, para variar o clima opressivo, tortuoso. Não tenho conseguido ou por vezes não consigo... É um vexame, sei. Paciência. Prossigo (CP, 39).

Tudo bem, muitas vezes o autor aparece mesmo, chama o leitor de “obtusos”, disso, daquilo, agora, assumir que “é um vexame” é a primeira vez (se a moda pega...). O autor está mostrando “o andaime”, está gritando dos bastidores que está tudo errado, que não é isso que ele pretendia, mas, será que este é realmente o autor? Você oscila entre o chocado frente àquele tom confessional (será que eram essas as confissões prematuras?) e o incrédulo, já que esse “autor” lhe parece muito... “bonzinho”.

Definitivamente confusos, nos sentimos como que assistindo a uma peça, ou melhor, a um ensaio de teatro, onde o autor não conseguiu finalizar o texto a tempo e os atores, pressionados pela data de estréia e pela falta de texto, estão (sem muito sucesso) tentando improvisar. Você é uma pessoa acostumada aos mais diversos textos (não fique envaidecido, todos somos) e não se deixa enganar, sabe que aquele é apenas um personagem que se chama “o autor”, que acredita (talvez nem tanto) que seja o autor. O autor mesmo está sentado em algum

lugar contente (não ali, nos bastidores), achando que você caiu no truque. A história prossegue e temos mais incursões do dito "autor", o beijo do magro e da mulher do gordo (que pode significar tudo, e, ao mesmo tempo, nada) e o único fim possível.

Você já começa suas maquinações, já começa a criar suas opiniões sobre o que viu:

críticos implacáveis que vasculham linha por linha (CP, 80).

Ele está falando de você, espera a sua opinião, o dedo para cima, como um imperador romano: sim, arte. Ou o dedo para baixo, desaprovador: lixo. Mas aí, o "espetáculo" recomeça (mas não era o fim?). Primeiro o "autor" diz que é forçado e dar a palavra ao gordo:

É com apreensão e pasmo que recebo a indignada reclamação do gordo. Autorizativo exige que lhe dê vez e voz. Não pode se conformar com minhas (provisórias?) conclusões.

É o que passo a fazer. Mas me recuso à transcrição da íntegra do documento. Dou trechos e, na medida do possível, comento-os (CP, 80).

O gordo, diz que não está feliz com o personagem que recebeu, que não é nada daquilo, ele nem gordo é, tem um nome (que ele não diz), e então começa a criticar o próprio livro. Diz que ele é parcial, que só dá voz ao magro:

Vejamos então: mesmo quando numa terceira pessoa, o ponto de vista é sempre do magro, o que se transforma numa falsa terceira pessoa, para tal nem é necessário entender do processo de criação literária, montada artificialmente (para distorcer minha imagem, macular minha personalidade, como se eu fosse um João-ninguém e o outro um expoente (CP, 82).

E mais, chama a obra de:

um amontoado pretensamente inovador, posmoderno (CP, 83).

Temos novamente um fim.

A essa altura você já não sabe mais o que pensar. Primeiro, que história absurda era aquela? Segundo, que crítica você poderia fazer? Se a obra já vem com crítica, sua presença é dispensável. Um dos

personagens roubou a sua fala. Desolado você pensa: então-é-só-isso-que-eu-tenho-a-dizer? Ainda não.

II - História?

Nesse ponto, precisamos nos perguntar: o que esperávamos do livro? Por que estivemos esse tempo todo procurando por uma história, por uma linha narrativa que pudéssemos seguir? A resposta para isso talvez seja até excessivamente simples: porque na capa do livro está escrito: "romance". Na verdade o que vimos é, sim, um romance, mas é, também, ensaio, crítica, obra em criação. Nossas expectativas guiam nossa apreciação estética, nossas conclusões. Muito do que pensamos depende do que esperamos receber e, no caso das *Confissões*, ficamos sem essa orientação. A obra desafia nosso conceito de que no mundo literário tudo tem um porquê, uma conexão com alguma parte do texto, um símbolo oculto aqui, uma metáfora ali.

Nossos conhecimentos dos padrões (até da organização do texto, com trechos fora da posição) são desafiados. O que recebemos são fragmentos e, por mais que tentemos juntar o quebra-cabeças, existem sempre peças faltando. Se concebermos a literatura como um jogo, o texto de Salim Miguel muda as regras e nos impõe um jogo diferente, daí esse estranhamento.

Por que essa necessidade de ordem? Por que essa procura pelo lógico? Dois motivos. Primeiro:

a psicologia poderá tentar arrumar a questão definindo o ritual como *identificação compensadora*, uma espécie de ato substituto, 'um ato representante devido à impossibilidade de levar a cabo uma ação real, intencional'².

Espere um momento, "ritual"? Mas estávamos falando de literatura, não? Essa citação de Johan Huizinga se aplica ao jogo e ao ritual, mas se encaixa perfeitamente na literatura, logo veremos por quê.

Segundo, porque estamos inseridos numa história da arte, temos conceitos já definidos (ainda que incertos) sobre o que seja romance, sobre narrativa, sobre ordem etc. “O olhar do amator de arte do século XX é um produto da história”³, mas também do conhecimento de certas regras do jogo.

III – Jogo

A obra refere-se a si mesma como jogo:

parte de um jogo que mal começara a ser jogado, de final imprevisível (CP, 10).

É necessário então definir o que é um jogo e em que sentido o livro e a literatura são jogos.

Segundo Johan Huizinga, o jogo é, em termos gerais, uma atividade inerentemente lúdica⁴, é “uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana”⁵. Possui três características básicas:

1. “o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade”⁶; joga-se por prazer.

2. “o jogo não é vida ‘corrente’ nem vida real. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida ‘real’ para uma esfera temporária de atividade com orientação própria”⁷ e que “é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador”⁸; o jogo constitui um mundo próprio onde o jogador entra, do qual o jogador participa.

3. “o isolamento, a limitação”⁹, o jogo representa “mundos temporários dentro do mundo habitual... ele cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada”¹⁰. E por último devemos lembrar que “todo jogo tem suas regras”¹¹; o jogo possui normas, atitudes, comportamentos e expectativas padrão.

Analisando essas características, vejamos a relação do jogo com a literatura. O jogo já está na literatura pelo próprio uso da linguagem,

afinal, “por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é um jogo de palavras”¹². Por outro lado, também a literatura não é vida “real”, mas sim um universo com regras próprias, delimitado (o universo da obra, com sua lógica e suas conexões e símbolos) para onde somos “transportados”, e que procura introduzir (nem todos, como estamos vendo com *As confissões prematuras*) ordem no caos do dia a dia. A obra tem “orientação própria”, sua lógica é especial e específica, são também “mundos temporários dentro do mundo habitual”¹³. Claro que essa ordem, essa simbologia, se aplica muito mais a obras clássicas (as modernas e pós-modernas se opõem a isso), mas creio que as semelhanças são bastante claras.

O jogo possui suas regras, mas não qualquer regra, elas têm que se adequar à realidade (a não ser que o jogo seja justamente sobre quebrar essas regras, como no surrealismo). O jogo (e também a literatura em seu sentido mais tradicional) é uma tentativa de colocar ordem no caos da realidade. Porém nem todos os jogos (e obras) são assim, vemos que a obra de Salim Miguel não mascara o caos, mas nos coloca no meio dele: o fim não é definitivamente o fim, o gordo não é gordo, o romance não é totalmente um romance e assim por diante. Chegamos aí à questão, qual o objetivo da literatura, do discurso? Acredito que a primeira resposta que nos venha à mente seja: comunicar.

IV – Comunicação

Qual o objetivo de um texto, de um discurso? Comunicar? Nem sempre e, mesmo em textos mais obviamente comunicativos, comunicar pode ser apenas um dos fatores e não o mais importante. Auerbach, ao analisar o estilo homérico, diz que ele parte de vários princípios: “não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado”¹⁴; definições espaço temporais precisas; e, principalmente, “o encantamento sensorial”¹⁵. O texto de Salim Miguel é, em alguns

aspectos, quase o oposto, tudo é deixado na penumbra (até mesmo a história), o espaço e o tempo são indefinidos e, antes do encantamento, temos a confusão. Se, em Homero, a citação de um fato (“a cicatriz de Ulisses” como citado por Auerbach) leva a toda uma divagação e a recordações, nas *Confissões*, isso nos leva ao vazio, à falta de memória do narrador. Apesar dessas diferenças técnicas, podemos dizer que ambos os discursos têm o mesmo objetivo: encantamento. Pode-se dizer que esse é o próprio objetivo da arte (ou um deles).

Segundo as teorias sobre o processo comunicativo, notadamente a de Romam Jakobson, toda comunicação pressupõe um emissor, um receptor, um contexto, um canal, um código e uma mensagem¹⁶. Alguns autores apresentam outros esquemas, como Dell Hymes, em: emissor, receptor, situação, tópico, forma de linguagem, canal e código¹⁷. Qualquer que seja o esquema, e aqui me prenderei mais ao de Jakobson, temos que: o emissor, no caso, se chama Salim Miguel, o receptor somos nós leitores, o canal é o livro, o código é a língua portuguesa; o contexto é esse estranho quebra-cabeças que vimos, mas quero chamar atenção para o último elemento: a mensagem. No texto de Salim Miguel, o ponto que distingue a obra é justamente o fato de o ruído, as interferências, quase encobrirem a mensagem. Passamos todo o livro procurando a mensagem em meio ao “barulho” e a recebemos intencionalmente confusa.

Se as teorias comunicativas aparentemente concebem uma máquina perfeita (o emissor transmite a mensagem através de um canal para o receptor, essa mensagem é escrita em um código e refere-se a um contexto. Isso não parece quase mecânico?), aqui percebemos que a máquina está mentindo, está sendo utilizada para encobrir a história, para confundir e, dessa forma, atingir o “encantamento sensorial” do qual falava Auerbach, só que por outro caminho. Pelo lado oposto,

através da frustração, da surpresa do estranhamento frente a esse jogo que são as *Confissões*. O processo comunicativo foi utilizado não para comunicar, mas para iludir. Você estava tentando ver o que se passava do outro lado da rua sem perceber que o objetivo do jogo não era esse e sim ver as pessoas que passavam à sua frente.

V – Jogo, parte II

Do início até o fim do texto de Salim Miguel participamos de um jogo, de uma ilusão. O autor nos confunde. Procuramos uma lógica, uma história, uma ordem, quando na verdade ela não existe. O texto termina, o jogo acaba, e não nos leva a lugar nenhum. Estivemos em uma partida em que o oponente controlava as cartas e, pior, onde ele mudou as regras. Huizinga chama a atenção para o termo: “*ilusão* – palavra cheia de sentido que significa literalmente ‘em jogo’ (de *ilusio*, *illudere* ou *inludere*)”¹⁸. Estamos jogando sem saber as regras, por isso somos mais facilmente iludidos. E por que procuramos tanto por uma linha narrativa? Porque são essas as regras a que estamos acostumados, a narrativas, a símbolos e estruturas. No texto das *Confissões* temos um mundo próprio, diferente do “real”, o mundo de um homem sem memória onde tudo é difuso.

O jogo aqui se assemelha ao culto (ao ritual) na medida em que precisa de um “lugar sagrado: a arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco...”¹⁹, o jogo possui “limites de tempo e espaço. Possui um caminho e sentido próprios”²⁰. A sala onde gordo e magro se embatem é esse “local sagrado”, é o espaço do jogo dentro do texto, a arena, um lugar onde até o tempo nos parece ter uma lógica própria já que não sabemos quantas horas ambos os personagens passam lá dentro. Mesmo quando não temos o local de jogo tão obviamente demarcado, o livro, a obra, cria como que um local, o interior da própria obra.

O objetivo do processo comunicativo, como disse, nem sempre é

comunicar; temos, nas *Confissões*, uma mensagem que quer surpreender, encantar, frustrar. O autor é o controlador desse processo comunicativo, é aquele que distribui as cartas, que põe as peças em jogo, decididamente com um objetivo, longe da fragilidade mostrada pelo personagem que se intitulava “autor”.

VI – Os mentirosos

Auerbach, novamente no episódio da “Cicatriz de Ulisses”, ao comparar o texto de Homero e o Velho Testamento, afirma que os dois mentem. Homero, em sua busca por “encantamento sensorial”, é um “mentiroso inofensivo”²¹, o faz para agradar. O Velho Testamento “no interesse de uma pretensão à autoridade absoluta” é “um mentiroso político consciente de suas metas”²². No texto de Salim Miguel são muitos os mentirosos. Tudo é feito de forma que todos os personagens podem estar mentindo, ninguém é confiável e, em última análise, talvez pudéssemos dizer que o autor também é um mentiroso, mas, na verdade, a mentira faz parte do jogo (um jogo que o autor controla).

Dom Quixote não era louco (apenas) por ver coisas que não existiam (dragões ao invés de moinhos), era louco por não saber que seus livros de cavalaria eram apenas livros, jogos, eram “de mentirinha”. Ele levou o “pacto de suspensão de descrença” de Coleridge muito a sério, e passou a, realmente, *acreditar* no jogo. Da mesma forma, Conan Doyle, ao definir sua casa como o escritório de Sherlock Holmes e caracterizá-la como tal, estava apenas deixando a “mentira” mais plausível (a melhor maneira de mentir é colocando a mentira em meio a muitas verdades). E se um leitor protesta contra a inverossimilhança de uma passagem ou de uma caracterização, pode-se dizer que está simplesmente ignorando o fato de que se trata de uma obra de ficção. De nada adianta confrontar o autor com sua “mentira”, ele tem essa espécie de álibi imbatível: faz parte do jogo. Na verdade, esse álibi

também pode ser confrontado com a idéia de que, se ele vai “mentir”, podia pelo menos tornar a mentira mais plausível, isso também faz parte do jogo.

Tanto o leitor que reclamou no último parágrafo, como Dom Quixote, e até o gordo na história de Salim Miguel, são “jogadores ruins” na medida em que não percebem que estão jogando: “a obra de arte só existe enquanto tal... se for apreendida por espectadores dotados da atitude e da competência estéticas tacitamente exigidas”²³, ou seja: só jogue se souber as regras. Enquanto isso, Conan Doyle dá tão bem a sua cartada que até hoje existem pessoas que acreditam que Sherlock Holmes era, de fato, uma pessoa real. O gordo quer virar o jogo de que participa, quando nem sequer é um dos jogadores, é uma das peças (que por sinal, coloca o crítico em xeque – já que estamos falando de jogo). No livro de Salim Miguel, o gordo diz:

o jogo, ao contrário do que o “autor”... tende a demonstrar, foi, sempre, desde o início, de cartas marcadas... o jogo nunca foi honestamente jogado – e por que jogo? – foi manipulado antes do início, quando se tramava a trama (CP, 84).

Na verdade, o jogo tem regras variáveis (e parte de sua atração está aí) e, se tem relação com a realidade, é porque isso faz parte do jogo. O jogo é sempre de cartas marcadas, é sempre manipulado, tramado, se não fosse perderia muito de seu encanto, de sua capacidade de absorver o jogador.

VII – Então é só isso que você tem pra me dizer, é?

Resumindo, temos que a obra de Salim Miguel, por deixar tão explícito seu caráter de desvio, ou seja, de ir contra o tradicional do fenômeno literário, deixa mais claras as principais características deste:

1. O fato de ser um jogo. Temos que descobrir, primeiro, quem é nosso “adversário”, quais as suas habilidades, estudá-lo, saber mais sobre ele (nem que só pelas orelhas do livro), ter uma idéia de sua história e

de suas obras-jogos anteriores. No caso das *Confissões*, não estávamos esperando essa mudança de regras.

2. O fato do jogo não ser tão simplesmente reduzível a padrões. Os tradicionais esquemas comunicativos não levam em consideração que a comunicação pode ser utilizada para outras coisas além de comunicar: encantar, iludir etc, e que, por ser um jogo, a literatura também possui uma “natureza supralógica”, é um elemento essencialmente humano.

E aqui eu não resisto e pergunto: Isso é tudo que você tem para dizer?

SIM, FIM.

Notas

¹ Todas as referências ao livro *As confissões prematuras*, de Salim Miguel serão feitas no texto, com a sigla CP, seguida do número da página.

² Huizinga, Johan. *Homo ludens*, p. 14.

³ Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*, p. 284

⁴ Lembrando que em muitas línguas “jogo” é sinônimo de divertimento, brincadeira.

⁵ Huizinga, Johan. Op. cit., p. 6.

⁶ Id., p. 11.

⁷ Id. ib.

⁸ Id. ib.

⁹ Id., p. 12.

¹⁰ Id., p. 13.

¹¹ Id., p. 14.

¹² Id., p. 7.

¹³ Id., ib.

¹⁴ Auerbach, Erich. *Mimesis*, p.3.

¹⁵ Id., p. 10.

¹⁶ Jakobson, Roman. *Linguística e comunicação*, pp. 123-9.

¹⁷ Hymes, Dell. “The ethnography of speaking”, pp. 99-138.

¹⁸ Huizinga, Joahn. Op. cit., p. 14.

¹⁹ Id. ib.

²⁰ Id. ib.

²¹ Auerbach, Erich. Op. cit., p. 11.

²² Id. ib.

²³ Bourdieu, Pierre. Op. cit. p. 286.

Bibliografia

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. S.l.: DIFEL e Bertrand, s.d.

HYMMES, Dell. “The ethnography of speaking” em FISHMAN, Joshua. *Reading in the society of language*. 1968.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4ª ed. Perspectiva: São Paulo, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MIGUEL, Salim. *As confissões prematuras*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.

Zak Zangrando Cardoso - “Jogos, mentiras e *Confissões prematuras*”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 9. Brasília, setembro/outubro de 2000, pp. 17-29.

Pau Brasil

Publicação Bimestral sobre Ecologia e Cultura - Nº 13 - Ano III - Jul/Ago/86



Jean Morisset Luís Avelima Carlos Alberto Xavier Roberto Tripoli
 Luís Carlos Menezes Joyce Cavalcanti Fábio Lucas Márcio Ribeiro
 Conto: Autran Dourado Lourdes Domingues Prina Tereza Moreira
 Francisco Antonio de Castro Lacaz Luciano Oliveira Samuel Murgel Branco
 Cláudio Willer Osvaldo da Silva Costa Zélio Alves Pinto
 Entrevista: Amir Klink

DAEE · São Paulo Alternativo

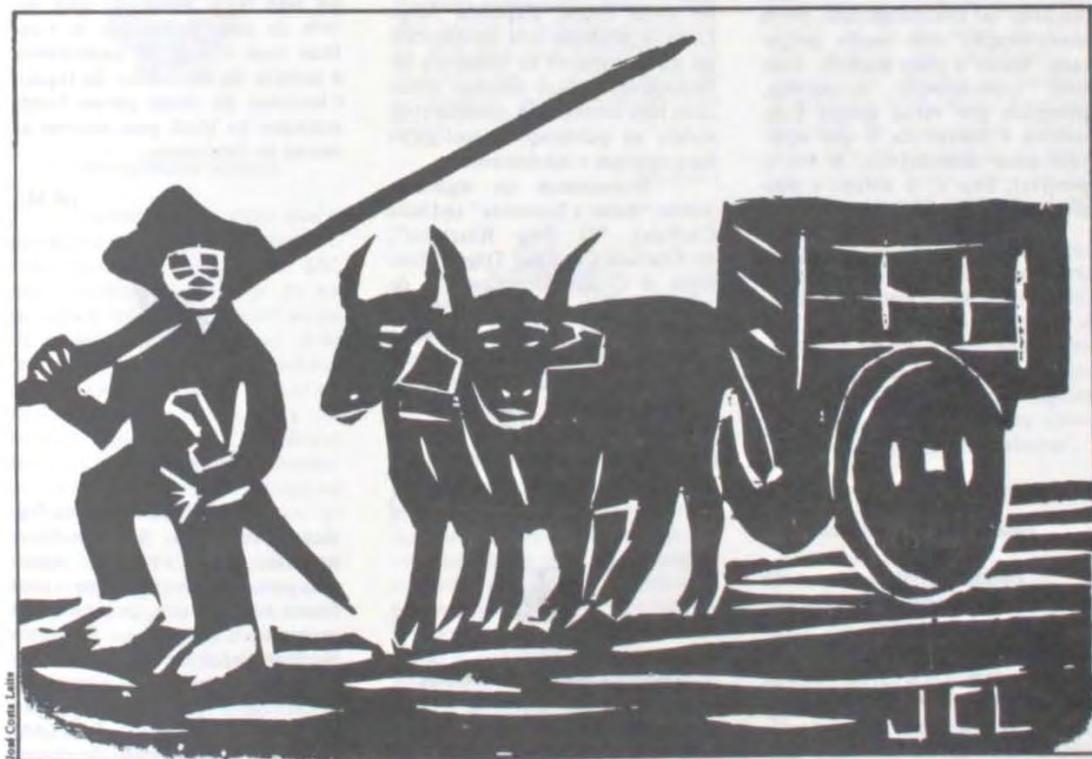
editora de didáticos onde se aboliu a maldita ficha de leitura, expediente ridículo que normalmente só serve para passar um atestado de incompetência de quem as prepara e de como-dismo de quem as usa.

X
O Castelo de Frankenstein, de Salim Miguel, UFSC - Lunardelli, Florianópolis, 1986.

Talvez a obra deste ficcionista catarinense ainda não tenha recebido a divulgação à altura da sua importância. Exatamente por isso, é oportuno o lançamento dessa reunião dos seus artigos literários — resenhas, críticas etc. — de 1976 até hoje. A qualidade de suas análises de autores catarinenses, do restante do Brasil e de outros países latino-americanos serve para lembrar que escritor é quem sabe ler e que a criação literária é um diálogo com a obra de algum outro autor. Sua condição de escritor dá a Salim Miguel o pleno direito de

ser impressionista e informal nesses artigos e resenhas. Isso nada tem a ver com superficialidade, e contrasta agradavelmente com o formalismo cientificista e a falsa objetividade tão em voga e já não mais circunscritos apenas a ambientes acadêmicos.

Também têm chegado à revista Pau Brasil diversas outras publicações literárias, em sua maioria edições de autor e uma ou outra de editoras atuantes no mercado. Dentre elas, merece destaque *Palavras e Silêncios* de Latuf Mucci (ed. Folha de Viçosa, MG), com poemas despojados, simples, mas com belos momentos líricos, mostrando que seu autor tem, entre outras qualidades, o poder da síntese. E os livros do inquieto e atuante Joaquim Mattar, *Fome e Seca na Terra do Sol* e *Ouçã Multidão*, poemas de temática social, bem como a profissão de fé de Alice Faria, *Meu Pão de Cada Dia — a poesia* (massao Ohono editor, SP), um tanto discursiva mas válida pelo entusiasmo transparente no título. ☼



José Carlos Lainez

003

LITERATURA

Revista do Escritor Brasileiro

ISSN 1518-5109

Nº 21

Entrevista
com o escritor
Francisco Carvalho



ODICE

ANO X - AGOSTO / 2001

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

– *Presenças de Pedro Cirilo*, de Adolfo Boos Júnior. Livraria e Editora Obra Jurídica, Florianópolis, SC, 2001.

Afirma Dennis Radünz, nas abas do livro: (...) “o texto torrencial de Adolfo Boos Jr. Insinua a fantasmagoria no dia-a-dia de um clã em que a fraternidade é doentia. A narrativa das ausências – em lapso de tempo que se baliza em 1930 e 1964 – une a todos numa vida que evoca o passado onipresente em bandolins, carnavais ou cadeiras e, mais comumente, nas ausências de Nereu Ramos ou Getulio Vargas. A memória se transfigura em sombra e o que resta é o embate diário pelo naco de vida que, não raro, lhes causa repulsa, feito a forma anômala de um dos filhos de Cirilo, espécime da fibra e força bruta que lhes falta.”

etc

– *Eu e as Corruíras*, de Salim Miguel. Editora Insular, Florianópolis, SC, 2001.

Neste livro, subtítulo *Crônicas – não só*, estão reunidos textos publicados em diversos órgãos da imprensa, nos últimos tempos. A expressão *não só* se justifica porque aqui se encontram não apenas crônicas, mas até depoimentos, um deles inédito sobre a criação do Museu de Arte de Santa Catarina. Praticamente tudo o que foi selecionado para este volume foi publicado nas colunas que o Autor manteve em jornais e revistas. A crônica que dá título ao livro, “Eu e as Corruíras”, sintetiza a proposta do Autor. Salim Miguel torce para que, além de momentos de fruição, o leitor se depare também com informações que possam ser de seu interesse.

– *Os Naufragos*, romance de Yolanda Gadelha Theophilo. ABC Editora, Fortaleza, CE, 2000.

A estréia de Yolanda em livro se deu em 1963, com *Eu e o Tio Sam*. Mais tarde publicou um volume de poemas. Porém o forte da escritora é o romance. Com este são seis, sendo o primeiro *Longa Tarde sem Manhã*, de 1967, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, RJ. Para Eduardo Campos, *Os Naufragos* “tem outro estilo, outra maneira de contar, que me surpreende. E isso faz a diferença para melhor, demonstra que a autora está mais madura. Deixou de se ver para dentro, para ver-se para fora na figura dos outros.” São quase duzentas páginas de bela prosa, divididas em onze capítulos.

etc

– *A Vida Pré-Humana de Jesus*, de Assis Brasil. Imago Editora, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

O assunto é contundente e inéduo entre os estudos de eruditos, leigos ou teólogos. Pois o escritor piauiense, Assis Brasil, após a publicação de seu esclarecedor *Jeová dentro do judaísmo e do cristianismo* (já em 2ª.ed.), remove a pátina do tempo (bíblico e cultural) e publica mais um livro surpreendente, *A vida pré humana de Jesus/O mistério da Imortalidade*. Os dois livros se unem e se completam, pois fazem parte de uma Trilogia Teocrática, concluída, em seguida, com a edição de *Apocalipse/A espécie terminal*, dramática apoteose da obra de um intelectual ousado e que honra as letras do país.

Embora não repita o livro anterior, sobre a omissão do nome de Deus, Assis Brasil mostra agora os desvios da cul-

EXCLUSIVO O FMI AINDA VÊ O BRASIL COMO NOS ANOS 80

CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA

www.cartacapital.com.br

6 DE JUNHO DE 2007

0 0 4 4 7

ISSN 1809-6697

9 771809 669002
ANO XIII N° 447 R\$ 7,90

A mídia

faz POLÍTICA



■ As denúncias contra Renan Calheiros, mescladas impropriamente com a Operação Navalha, embora mereçam investigação, só valem para manter o governo sob pressão



■ E Sarkozy ganharia na França se não tivesse os meios de comunicação a seu favor? E Berlusconi teria mantido o mandato por cinco anos sem o apoio do seu império midiático?



■ Hugo Chávez não renova a concessão da RCTV e é tachado de autoritário. Mas poucos lembram o papel central desta e das outras emissoras no golpe fracassado de 2002



■ Como a imprensa dos EUA, que já foi referência mundial de qualidade, perdeu seu rumo e sua independência e aceitou ser aparato de propaganda da guerra de Bush

IMAGINOSA MEMÓRIA

LIVROS Salim Miguel fez dos contos uma sutil e complexa forma de dar voz a quem não a tem

POR DEONÍSIO DA SILVA

Quando, em fins da década de 1980, um jornalista indagou de Jorge Amado a situação da literatura brasileira, ele respondeu que estreara quando havia 300 escritores em todo o Brasil e todos se conheciam. Mas que, aos 77 anos, a idade dos dois martelos, 300 havia só na rua Alagoinhas, no Rio, onde morava.

O paulista Mário de Andrade, contemporâneo do baiano, achava que 300 ele era sozinho: "Eu sou trezentos, sou trezentos e cinqüenta". Era um tempo em que a máquina de escrever substituíva rapidamente o manuscrito.

Aos 82 anos, o jornalista e escritor catarinense Salim Miguel, nascido no Líbano e alfabetizado em alemão e árabe, em Biguaçu, na Grande Florianópolis, foi obrigado a trocar a máquina de escrever pelo computador para elaborar seu mais recente livro: *O Sabor da Fome* (Record, 160 págs., R\$ 29). O novo instrumento, que atenua os efeitos de uma enfermidade nos olhos, já estabilizada, permite regular o tamanho das letras, ainda que alguns dos contos tenham sido ditados à esposa, a também escritora Eglê Malheiros.

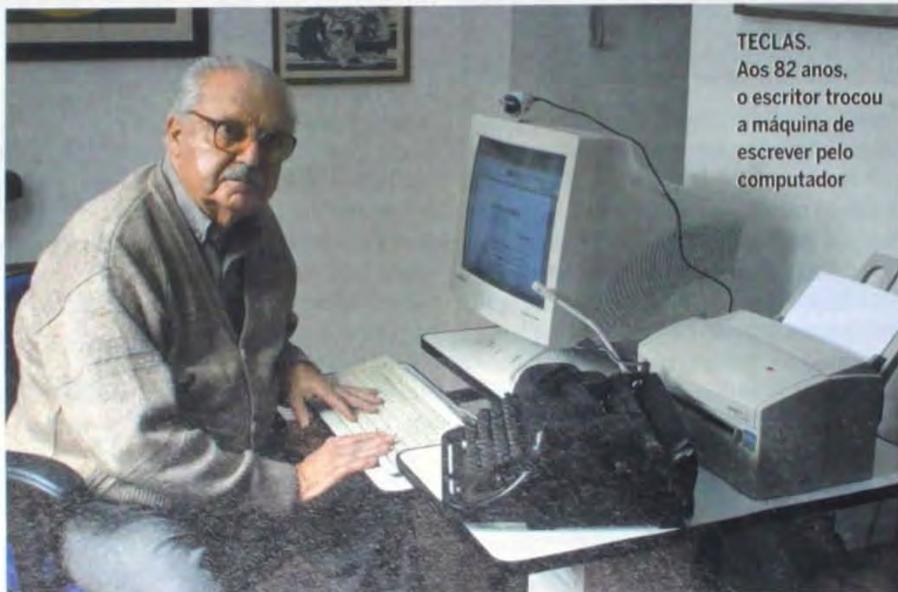
Salim Miguel guarda, porém, a velha máquina de escrever que, apesar de companheira inseparável de tantos escritores, foi parar rapidamente nos museus. Mário de Andrade apreciava tanto a sua, que a chamava de Manuela: "Como uma verdadeira amante, ela me tem proporcionado, pela maneira de ser, seus vícios e qualidades, um bom número de idéias aproveitáveis".

Além de *O Sabor da Fome*, a Editora Record já pôs nas livrarias os romances *A Vida Breve de Sezefredo das Neves*, *A Voz Submersa e Mare Nostrum* (finalista do Prêmio Jabuti, em 2005) e *Nur na Escuridão*, que arrebatou alguns dos maiores

Apesar de inventivas, as tramas de *O Sabor da Fome* soam documentais

prêmios nacionais. Os reconhecimentos vieram na esteira do Troféu Juca Pato, com o qual a União Brasileira de Escritores e a *Folha de S. Paulo* o distinguiram como Intelectual do Ano em 2002.

Dois grandes recursos narrativos dão a essa coletânea a perenidade que marca as grandes obras: prodigiosa memória e fecunda imaginação. As tramas



TECLAS. Aos 82 anos, o escritor trocou a máquina de escrever pelo computador

CLÉIDE DE OLIVEIRA

soam documentais, mas o *granus salis* da invenção permeia todas as histórias.

O conto que dá título ao livro se desdobra em vários outros. Ao morder a goiaba vermelha, a imaginação do "Faulkner de Biguaçu", na feliz expressão de Ivan Schmidt, brota e voa, chegando à adolescência: "Tens uns 13 anos, acabaste de pular o muro, trepas rápido na goiabeira, enches a boca em dentadas vorazes".

Em *Vestido de Chita II*, é a memória de antiga mocinha que é evocada, migrando da pequena para a grande cidade. Ela está com fome, pede "pão com salame" e acaba trabalhando como governanta na casa de duas idosas.

Recorrente, a mesma

personagem reaparece em outro conto, acusada de assassinar as velhinhas para ficar com a herança. O conto passa-se nos anos Médici e é narrado de trás para a frente: "Procurei apagar o passado que se gruda na gente que nem visgo".

Outra, a quem deram o nome de Argemira para lembrar o mar, reclama inconformada: "Por que não me botaram logo o nome de Argemara?" *Livros em Chamas* refaz, como num pesadelo da memória, um tempo em que também em Florianópolis foram feitos autos de fé.

Salim Miguel fez dos contos sutis e complexas formas de dar voz a quem não a tem ou não a teve, habilidade que

reaparece em *A Voz Submersa* (240 págs., R\$ 36), cujo tema solar é o assassinato do estudante Edson Luís Souto, carregado pela multidão e depositado na escadaria da Câmara Municipal, na Cinelândia, em 1968. Quase todo narrado por Dulce, a protagonista, sofre a interferência do autor: "Tenho que deixar-te neste março de 1968, neste março do assassinato do estudante... Mas, se te deixo, não te abandono".

Salim Miguel vive num tempo em que os escritores já não podem ler todos os colegas de ofício, mas este é um bom sinal: de gatos pingados, tornaram-se legião. Seu talento é inegavelmente superior ao de muitos que, incessantemente turbulados pela mídia, parecem ter evitado, não apenas a máquina de escrever, mas também os livros, esquecendo-se de que os grandes escritores são antes grandes leitores. ■

ler & Cia

REVISTA DA



Livrarias Catarinense

5 DE MARÇO DE 2007
ANO 3 / EDIÇÃO 13
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Entre o fã e o jornalista

Zeca Camargo revela segredos de suas entrevistas com astros do pop mundial.

A revolução dos livros

Fábula de Nelson de Oliveira prevê mundo transformado em biblioteca.

E mais:

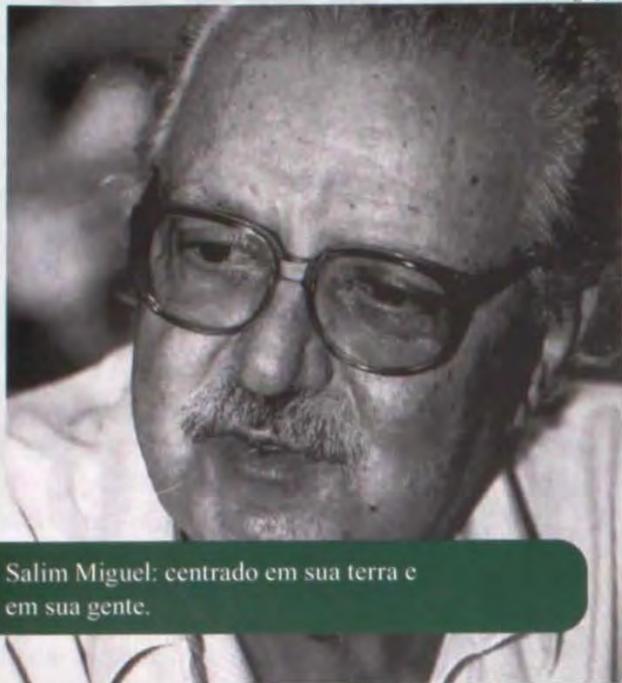
Centenas de opções de livros, música, games e filmes.

Ler é um investimento

Premiado, o rapper Gabriel o Pensador fala sobre sua carreira literária.

[diretas Salim Miguel

Divulgação



Salim Miguel: centrado em sua terra e em sua gente.

Autor de *Nur na Escuridão*, *Mare Nostrum* e *Areias do Tempo*, entre diversos outros.

Quando e onde o senhor nasceu? E quando chegou ao Brasil?

Nasci no Líbano, no dia 30 de janeiro de 1924. Cheguei ao Brasil em 1927, aos três anos de idade. Passei minha infância e adolescência na pequena Biguaçu, município da Grande Florianópolis.

Quais foram as suas primeiras leituras?

Comecei a devorar os livros a partir dos sete anos, quando li *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar. Aos nove, li Machado de Assis e Cruz e Souza. Com dez, li meu primeiro livro estrangeiro, no original, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. Naquela época, não havia bibliotecas na cidade, e as pessoas liam almanaques farmacêuticos, que continham alguns contos e poemas.

Que leituras e autores o acompanharam pela vida toda?

As obras da segunda fase de Machado de Assis e todas as obras de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

Quais seus autores e livros de cabeceira?

Brasileiros: *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Fogo Morto*, de José Lins do Rego; *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *A Estrela Sobre*, de Marques Rebelo; e *Os Ratos*, de Dyonélio

Machado. Estrangeiros: *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal; *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; *Guerra e Paz*, de Tolstói; *Ulysses*, de James Joyce; *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust; *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo; *O Deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzati; e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann.

Que tipo de livro e de escritor não lhe interessa?

Os *best sellers* não me dizem nada, muito embora sejam importantes.

O senhor gosta de cinema? Que filmes e diretores mais o interessaram?

Sou apaixonado por cinema. Da mesma forma que a literatura influencia o cinema, o cinema influencia a literatura. Escrevi o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense, chamado *O Preço da Ilusão*, de 1957. Com minha mulher, Eglê Malheiros, e com Marcos Farias, adaptamos para o cinema o conto "A Cartomante", de Machado de Assis. Também fiz o roteiro para *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Entre os filmes que mais admiro estão *Cidadão Kane*, de Orson Welles; *O Encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein; e dois filmes de Charles Chaplin, *O Grande Ditador* e *Monsieur Verdoux*.

E a música? É importante na formação de um escritor?

Não sei. Na minha sempre foi. Gosto de escrever ouvindo música.

O que o senhor mais gosta de ouvir?

Além do jazz tradicional e do fado português, gosto da música clássica de Bach, Beethoven, Brahms, Vivaldi, Dvorák, Villa-Lobos e Edino Krieger. Também ouço muito a nossa música popular: Noel Rosa, Pixinguinha, Cartola, Dorival Caymmi, Nelson Cavaquinho e Paulinho da Viola.

Qual é o grande problema cultural do Brasil? Há solução?

O nível de pobreza de nosso país é muito alto. Antes de resolver o problema cultural, é necessário resolver a desigualdade social. Poucos ganham muito e muitos ganham menos que um salário mínimo. Isso me deixa frustrado e deprimido. Depois de resolvida a questão social, devemos pensar na educação do nosso povo, criando mais bibliotecas de qualidade e projetos culturais que incentivem crianças e jovens. O Brasil tem tudo para ser uma referência cultural, pois temos uma mistura de etnias muito forte.

De que forma Santa Catarina está presente em sua obra?

Tenho 26 livros publicados e a grande maioria é de ficção e crítica literária. A maioria deles não é regionalista, mas é centrada na minha época, na minha terra e na minha gente. O escritor não procura seus personagens e sua terra. São os personagens e a terra que procuram o escritor. Tudo que escrevo é baseado em algo que presenciei.

006

SAN ANGLANOS

Contra
a exclusão
nacional

GUINÉ-BISSAU

Vulnerável
equilíbrio

ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Cooperação
institucional

INFORMAÇÃO, ECONOMIA E ANÁLISE

AFRICA 21

Nº 6 - JUNHO 2007 - 350 Kz / 4 USD / 3,5 €



O futuro
adiado
da criança
africana

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL





Cartas D'África, de Salim Miguel Registo valioso dos anos 50 e 60

Na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, intelectuais e estudantes africanos lançaram um canal de publicação, artesanal primeiro e mais elaborado em seguida. É dessa fase que nos fala *Cartas D'África*.

JONUEL GONÇALVES

OS ANOS 50 do século passado, dois processos simultâneos ocorriam nas então colónias portuguesas: a emergência de literaturas e dos modernos movimentos de independência. Processos invariavelmente ligados em todas as situações de afirmação nacional.

Não quer dizer que esses processos começassem ali. Já tinham passado e, pelo menos no caso angolano, tinham dado lugar a confrontos com o poder colonial, disposto a reprimir reivindicações políticas ou sociais e afirmações culturais diferentes das visões imperiais.

A busca de formas dissimuladas de expressão levou ao desenrolar de movimentos poéticos, com dois tipos de autores: os poetas e os autores de poesia de circunstância, ditada pela urgência de protestar.

Em menor escala surgiram contistas que focavam a vida colonial do ponto de vista do colonizado. Alguns deles seriam mais tarde romancistas de relevo.

Tanto num caso como no outro, tratava-se de movimentos urbanos, cujo foco estava em posição radicalmente oposta às «escolas» de literatura colonial, feita do ponto de vista do colonizador, diferença

rapidamente percebida tanto pelos autores desta como pelas próprias autoridades administrativas.

No caso caboverdiano o pano de fundo para a literatura nacional era a cultura crioula que nem a ideologia assimilacionista podia negar.

No caso angolano, esse pano assentava em algo semelhante, embora sem língua crioula, como ocorreu em outros processos do mesmo tipo, mais tarde mencionados pelo escritor haitiano René Depestre. Mas em Angola o poder colonial sempre negou – e procurou reprimir – tal perfil cultural, apontando-o como mera «diferença regional dentro da cultura portuguesa».

Na verdade, vendo as coisas hoje, tudo indica que a criouldade angolana foi (ou é) uma fase conducente à versão africana do cosmopolitismo, nos termos em que o define Kwame Anthony Appiah.

Para os jovens escritores africanos dos anos 1950, o principal era produzir apesar da censura e das ameaças policiais e enfrentar o racismo, que marcava a relação colonizador-colonizado e que aparecia implícito na palavra «assimilação».

Combate cultural bem sucedido, na medida em que definiu termos de consci-

ência nacional, inseriu na sua história a literatura oral tradicional e obrigou o poder colonial a uma mudança de estratégia.

Com efeito, a partir de certo momento, tudo o que este poder queria era amalgamar os seus escritores baseados em África – arautos da colonização e da assimilação – com os escritores nacionais. Em Angola, procuraram atrair autores angolanos para seu campo e até organizaram um encontro amalgamando ambas posturas. Foi boicotado pela larga maioria dos nacionais.

A difusão interna da produção era outro grande problema, mesmo em Cabo Verde, onde o movimento da Claridade tinha aberto portas. Em Angola e Moçambique, muita coisa dependia da boa vontade dos responsáveis pelas pequenas páginas culturais dos jornais autorizados, quase sempre portugueses. E algumas boas vontades surgiram, tanto em jornais como em iniciativas editoriais que abriram espaço a autores nacionais, incluindo os que eram perseguidos. Exemplo foi a coleção Imbondeiro em Angola.

Como prolongamento, em Portugal mesmo, onde os escritores enfrentavam iguais problemas de repressão, as

literaturas africanas ganharam algum interesse. Intelectuais importantes não alinhavam nas posições assimilacionistas e estudantes africanos nas universidades portuguesas lançaram na Casa dos Estudantes do Império um canal de publicação, artesanal primeiro e mais elaborado em seguida.

Tentativas de edição de autor, além das inerentes dificuldades financeiras, esbarravam na repressão, mesmo antes da instalação da PIDE. Foi assim que o primeiro livro de Luandino Vieira (então assinava José Graça), uma pequena coletânea de três contos, foi imediatamente apreendido, sobrando apenas três exemplares.

Vi um desses exemplares no começo da década de 60, nas mãos do próprio Luandino. Dos outros dois, um estava (e está) com o escritor brasileiro Salim Miguel, que em Florianópolis, no sulista estado de Santa Catarina, conduzia a revista *Sul*.

É dessa fase que nos fala o livro *Cartas D'África*.

Através de um crítico literário residente em Moçambique, a *Sul* chegou ao contacto de vários escritores de Angola e Moçambique e um de São Tomé e Príncipe que, a partir de 1952, tiveram trabalhos publicados na revista, assim transformada em única janela aberta para o mundo, verdadeira possibilidade de oxigênio fora da área sob controle do sala-

zarismo. Esse material é hoje um elemento de consulta indispensável para a história das literaturas dos PALOP, principalmente de Angola.

E não foi apenas publicação de textos, foi também a remessa clandestina de livros do Brasil para Angola.

Pelas cartas agora publicadas, nota-se que Viriato da Cruz e António Jacinto eram os que mais pediam nesta matéria e os títulos solicitados revelavam já a busca que faziam em 1956, para fundamentar suas propostas políticas. Além deles, correspondentes importantes eram Luandino Vieira e Mário Lopes Guerra, de Luanda, Garibaldi de Andrade, que dirigia a Imbondeiro no Lubango e o livreiro do Lobito, Américo Carvalho. Chega a ser comovente a leitura de algumas dessas cartas escritas há mais de meio século.

Neste processo de contactos outro escritor brasileiro, Marques Rebelo, teve grande importância, motivo pelo qual figura nas «Cartas» com uma longa «conversa carioca». O professor português, Agostinho da Silva, exilado no Brasil naqueles anos longínquos, também agiu

nesse sentido e é um bilhete seu que surge na contracapa.

Cícero Sandroni, da Academia Brasileira de Letras, que patrocinou a edição, assinala a importância da correspondência que chegava à redação daquela revista de Florianópolis «por meios inusitados e viagens às vezes rocambolescas, para burlar a censura, as cartas d'África, assinadas por escritores que lutavam pela independência, mas não descuravam o ofício literário e encontravam, em Santa Catarina, interlocutores ativos e interessados no intercâmbio de idéias e na discussão de problemas literários e políticos».

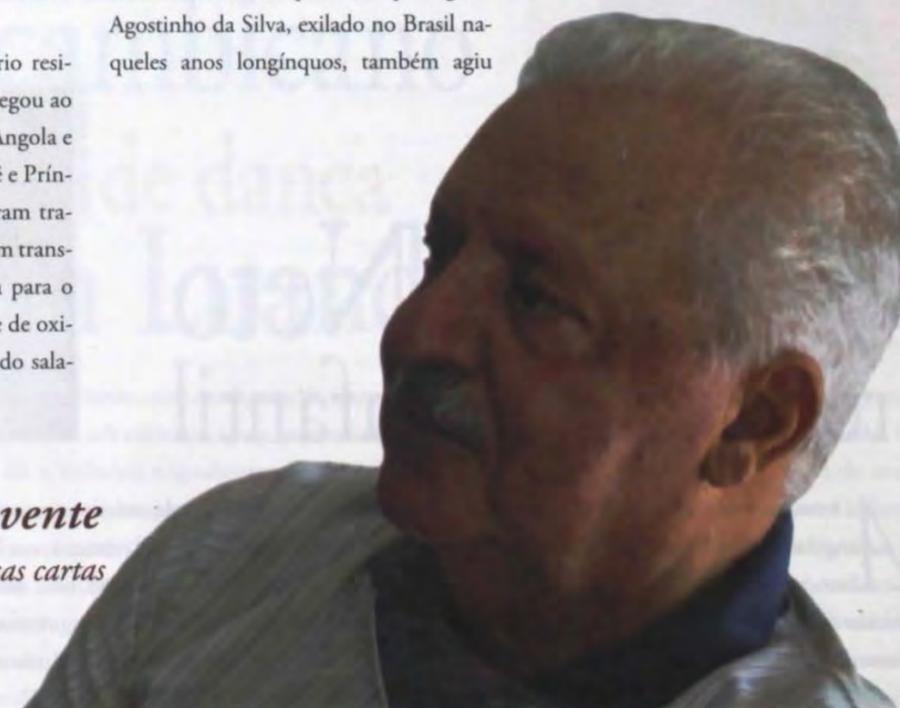
«Intercâmbio» é a palavra que Salim Miguel escolheu para introdução deste livro, que reproduz dezenas de cartas enviadas de África por escritores, parte dos quais ganharam grande dimensão literária e política, sobretudo em Angola.

Cartas D'África

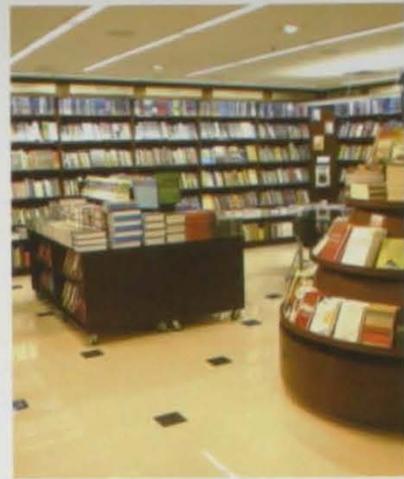
Salim Miguel

Editora Topbooks, Rio de Janeiro

«Chega a ser comovente a leitura de algumas dessas cartas escritas há mais de meio século»



PAULO SÉRGIO MIGUEL



Homenagem aos
escritores Salim Miguel
e Eglê Malheiros

 **Saraiva**MegaStore



Livraria Saraiva

convida para a homenagem
aos escritores catarinenses
Salim Miguel e Eglê Malheiros,
segunda-feira, 14 de maio,
às 19h. Na cerimônia eles
recebem o título de padrinhos
da primeira Saraiva Mega Store
do Estado.



 **Saraiva**MegaStore

Shopping Iguatemi Florianópolis
Av. Madre Benvenuta, 687
Tel: (48) 3234-3474

Péricles Prade

007

ANGOLA-EUA

Trocas económicas reforçadas

GUINÉ-BISSAU

Eleições no fio da navalha

SÃO TOMÉ

A aposta no turismo

INFORMAÇÃO, ECONOMIA E ANÁLISE

AFRICA 21

Nº 30 - JUNHO 2009 - 350 Kz / 4 USD / 3,5 €

EXCLUSIVO

TOP SECRET

O pacto secreto do colonialismo português com o apartheid

A aliança de Marcelo Caetano com os racistas sul-africanos e rodesianos contra as independências de Angola e Moçambique



Prémio Machado de Assis para Salim Miguel

Salim Miguel recebeu o Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, o que significa que a sua obra é considerada expoente nacional. Autor de 30 livros, Salim nasceu no Líbano e chegou ao Brasil com três anos de idade, sendo mais um exemplo de grandes escritores brasileiros nascidos fora do país (como Tomás Antônio Gonzaga e Clarisse Lispector). Sempre residiu no estado de Santa Catarina, onde foi um dos animadores nos anos 40 e 50 do século XX da famosa revista *Sul*, grande veículo do movimento modernista e onde foram publicados vários textos de autores angolanos, como Viriato da Cruz e António Jacinto, numa época de grande repressão em Angola e dificuldade de divulgação da literatura angolana. Há pouco tempo, Salim Miguel publicou um volume de cartas que trocou com escritores africanos daqueles anos, intitulado *Cartas d'África*, a que ÁFRICA21 dedicou o «Livro do Mês» (ver edição de Junho de 2007). O prémio será entregue no próximo dia 23 de Julho.



PAULO SÉRGIO MIGUEL

Khyra Tavares no horizonte do jazz



Atravessou o Atlântico a caminho dos EUA e foi ao encontro do jazz. Vigorosa, esbelta, simpática e amiga do mar, mas também determinada face aos objectivos que traçou para a sua carreira, Khyra Tavares está a revelar-se no mercado português. Descobrimo-la no Soul Club, em Lisboa. Será esta oportunidade um trampolim para o ambicioso percurso que esta voz cabo-verdiana tem pela frente?

A revista *Sodade*, de Boston, não lhe poupa elogios. Tocou em festivais de jazz em Washington, mas também deu a voz em festivais e galerias de arte e centros culturais. No ano passado cumpriu um contrato de exclusividade com a cadeia de hotéis Oasis Atlântico. Deu brilho a um evento de moda, o Ilhéu Top Model, esteve no auditório do Banco Inter-Atlântico, mas também passou nessa altura pelo *soft opening* do Sambala Village e nos bares locais. É sua convicção de que o caminho se faz caminhando. Por isso, disse à ÁFRICA21 estar interessada em trabalhar com produtores sérios para a gravação do seu primeiro trabalho em áudio ou áudio/vídeo (seja em CD ou em DVD). Conta com a sua agente/fotógrafa, Rita Correia de Sá, que, entre outras coisas, trata dos seus *bookings*. E quem sabe, o futuro não lhe venha a sorrir por este mundo fora.

LIBANO

Carta do

Revista de Intercâmbio
Cultural Líbano-Brasileira

ANO XII - NÚMERO 98 - 2007

Patrus Ananias leva experiência brasileira aos países árabes

A consistente carreira política combinada com sólida formação humanitária confere ao atual Ministro do Desenvolvimento Social a positiva repercussão internacional de sua gestão

ENTREVISTA
CARLOS EDDE
PEDE MAIS
ATENÇÃO AO
PAÍS DOS CEDROS

HOMENAGEM
MINAS RENDE
HOMENAGENS A
CHARLES LOTFI

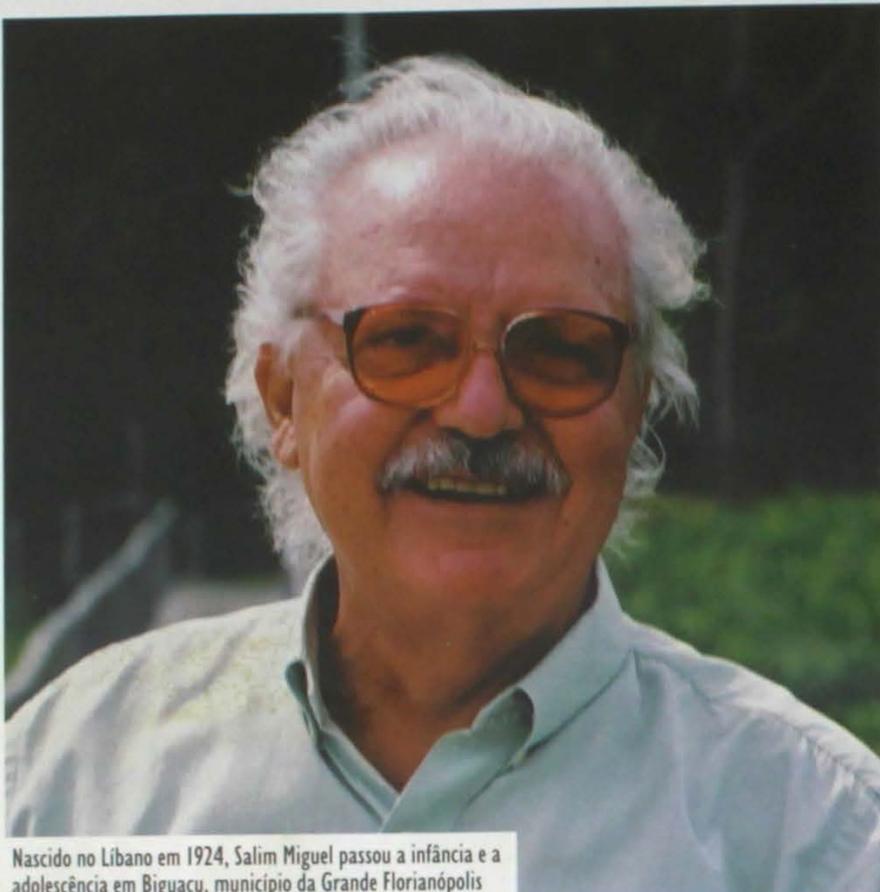
Escritor libanês transforma drama pessoal em romance de sucesso

Salim Miguel é um escritor único em muitos sentidos. Um dos principais nomes da literatura catarinense em nosso tempo, desenvolveu uma carreira independente dos círculos literários paulista e carioca e uma obra de grande originalidade. Libanês de nascimento, tem o dom de desenvolver novas formas de contar histórias, sempre com certa inquietação como em *A Voz Submersa*, livro publicado pela primeira vez em 1984.

O romance – mais um título dentro do projeto da Editora Record de reeditar toda a obra do autor com projeto gráfico – surgiu após um período de 29 anos longe do gênero. Escrito em apenas quatro meses, carrega as longas horas de catarse, os dias de compulsivo teclar na velha máquina de escrever. O expurgo de uma história encarcerada por 15 anos, uma ditadura inteira.

A Voz Submersa é um romance em estado febril; um delírio instantâneo desencadeado pela visão do corpo do estudante Edson Luís Souto, já sem vida, sendo carregado por uma multidão indignada que o deposita na escadaria da Câmara Municipal, na Cinelândia, em 1968. O fato, presenciado por Salim Miguel, iria marcá-lo de forma indelével. Depois de tentar, em vão, colocar a história no papel em forma de reportagem e conto, o romance ganhou vida.

É na voz de Dulce que a do es-

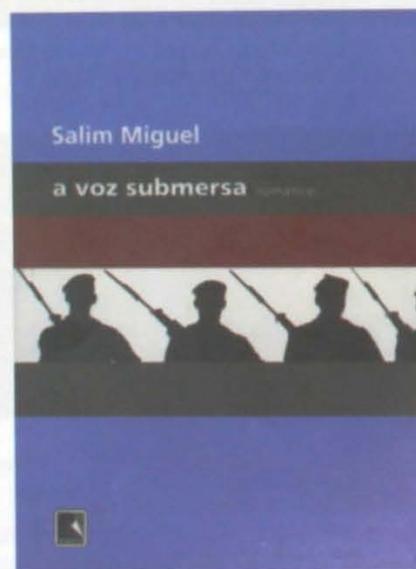


Nascido no Líbano em 1924, Salim Miguel passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis

critor finalmente se liberta. A protagonista ganha a cena do romance e, diante da morte, conta o caso para a mãe ao telefone, sem nunca relatar de fato o que presenciou, gaguejando em neuroses e remorsos. Salim debruça-se sobre o passado, buscando recuperá-lo e iluminá-lo, elaborando temas como o tempo e a memória, a velhice e a morte, o relacionamento conflituoso do ser humano.

Nascido no Líbano em 1924, Salim Miguel passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis. Entre 1947 e 1957, participou do Grupo Sul, de Florianópolis; de 1976 a 1979, foi um dos editores da revista carioca *Ficção*; entre 1983 e 1991, foi diretor da Editora da UFSC e, de 1993 a 1996, dirigiu a Fundação Cultural Franklin Cascaes. Jornalista renomado tem 25 livros publicados entre contos, romances, crônicas e depoimentos. Por *Nur na Escuridão*, de 1999, ganhou os prêmios da APCA de melhor romance e o *Zafari & Bourdon*, em 2001, na Nona Jornada Nacional de Literatura

de Passo Fundo. Em 2002, recebeu o título de doutor honoris causa, da UFSC, e o Troféu Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores e da Folha de S. Paulo, como intelectual do ano. Pela Record lançou o romance *Maré nostum*, finalista do Prêmio Jabuti de 2005, e *O sabor da fome*, em 2007. Relançou *A vida breve* de Sezefredo das Neves, poeta, em 2005.



009



TOP DO MAU GOSTO
A liberdade de abusar do consumidor



CANÇÕES DA ROÇA
Chico e Renato Teixeira: caipiras com orgulho



PUNK
Eles sacudiram o rock

REVISTA DO **Brasil** (atitude)

nº 63 setembro/2011 www.redebrasilatual.com.br



CARDEAL DO POVO

Dom Paulo Evaristo Arns, 90 anos. Uma vida dedicada à luta por justiça, paz e solidariedade



RS 5,00

Cidadãos do mundo

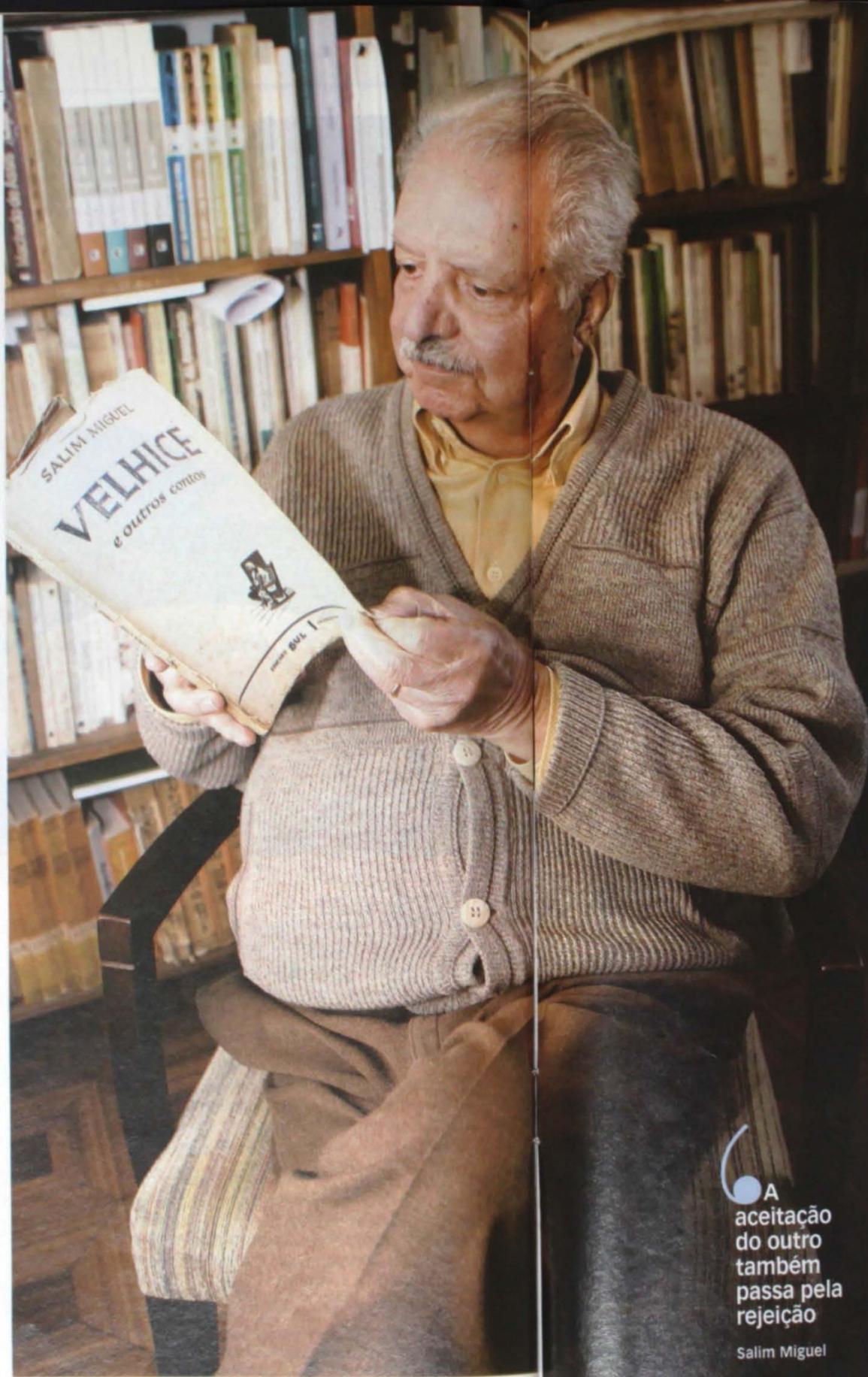
História da imigração árabe no Brasil e produção literária inspirada em sua diversidade cultural desconstruem visões superficiais e estereotipadas de uma população criativa e transformadora

Por Christina Stephano de Queiroz

Dez anos após os atentados de 11 de setembro, uma nova imagem da sociedade árabe se impõe sobre o horizonte de frases feitas e estereótipos como o terrorista islâmico ou a mulher submissa. Os árabes passam a ser vistos com outro olhar – principalmente depois dos recentes levantes ocorridos em países do Oriente Médio. A emigração árabe para o Brasil, embora não costume estampar manchetes do noticiário como as revoluções no Egito ou na Tunísia, permite resgatar imagens que fogem aos modelos superficiais. A mescla de povos com diferentes identidades abriu espaço para a construção de figuras complexas e culturas múltiplas.

O escritor Salim Miguel, que veio do Líbano com 3 anos, em 1927, conta que o destino da família era os Estados Unidos, onde sua mãe tinha parentes. “Por conta do acaso, *maktub*, acabamos no Brasil. Meus pais abandonaram o projeto original e nunca mais saíram daqui”, lembra, usando uma expressão que significa que o destino está escrito e é imutável. Segundo ele, os libaneses possuem capacidade de integração e logo se sentem parte da terra que os acolhe. “Afirmo isso com base em minha vivência e no livro de memórias *Minha Vida*, que meu pai deixou manuscrito em árabe e do qual fizemos uma edição em português, no centenário de seu nascimento.”

No Brasil, a migração é dividida em duas etapas. A primeira vai de 1880 até 1945. Alguns migrantes eram a elite cultural e política no próprio país, diferentemente do que ocorria com outros fluxos migratórios. Italianos e espanhóis, por exemplo, em geral eram mais pobres e vinham para o Brasil amparados pelo governo. Os árabes chegavam de forma totalmente independente, tendo como principal atividade a venda de mercadorias – que eram guardadas em uma caixa. Assim, passaram a ser conhecidos como os homens da caixa ou mascates.



A
aceitação
do outro
também
passa pela
rejeição

Salim Miguel



DESPEDIDA A mãe de Claude Fahd, Laurice, deixa o Líbano com a irmã e os filhos para se encontrar com o pai Yourghaki, asilado no Brasil

“Exercendo atividade comercial, o mascate e o varejista se relacionavam com todas as camadas da sociedade brasileira. Eram chamados de turco de prestação, armarinho, caixeiro ou matraqueiro”, lembra Miguel. Segundo o octogenário autor, a instalação de uma comunidade nova em uma terra provoca medos, desconfiança e preconceito. “Porém, a aceitação do outro também passa pela rejeição”, afirma.

A maioria dos árabes até 1920 pretendia voltar ao país de origem, desde que este se libertasse da dominação otomana e da presença europeia. Essa ideia muda depois da Segunda Guerra Mundial, devido aos problemas causados com a criação do Estado de Israel e às expectativas frustradas com a independência do Líbano, em 1943. Assim, a nova ter-

ra passa a ser vista como lar definitivo. “Nesse momento, o forasteiro perde sua identidade local, mas ganha a ótica de cidadão do mundo. É uma fase de transição, a pessoa relativiza suas origens”, diz a psicóloga Claude Fahd Hajjar, conselheira para as Américas da Federação das Entidades Árabes Brasileiras do Estado de São Paulo.

Autor de *Identidades Assassinas*, o escritor e jornalista libanês radicado na França Amin Maalouf diz em seu livro que identidade é um conceito dinâmico, plural, em constante construção, determinado e relativizado pelo contexto. “E todo estereótipo se alimenta da falta de esclarecimento”, lembra a professora Luciana Wrege Rassi, do Departamento de Língua e Literatura Estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

010

Continente



Ano IV • Nº 41 • Maio/2004 • R\$ 8,00

cultural

ESPECIAL

**A crise da
Razão Iluminista**

GUERRA PEIXE

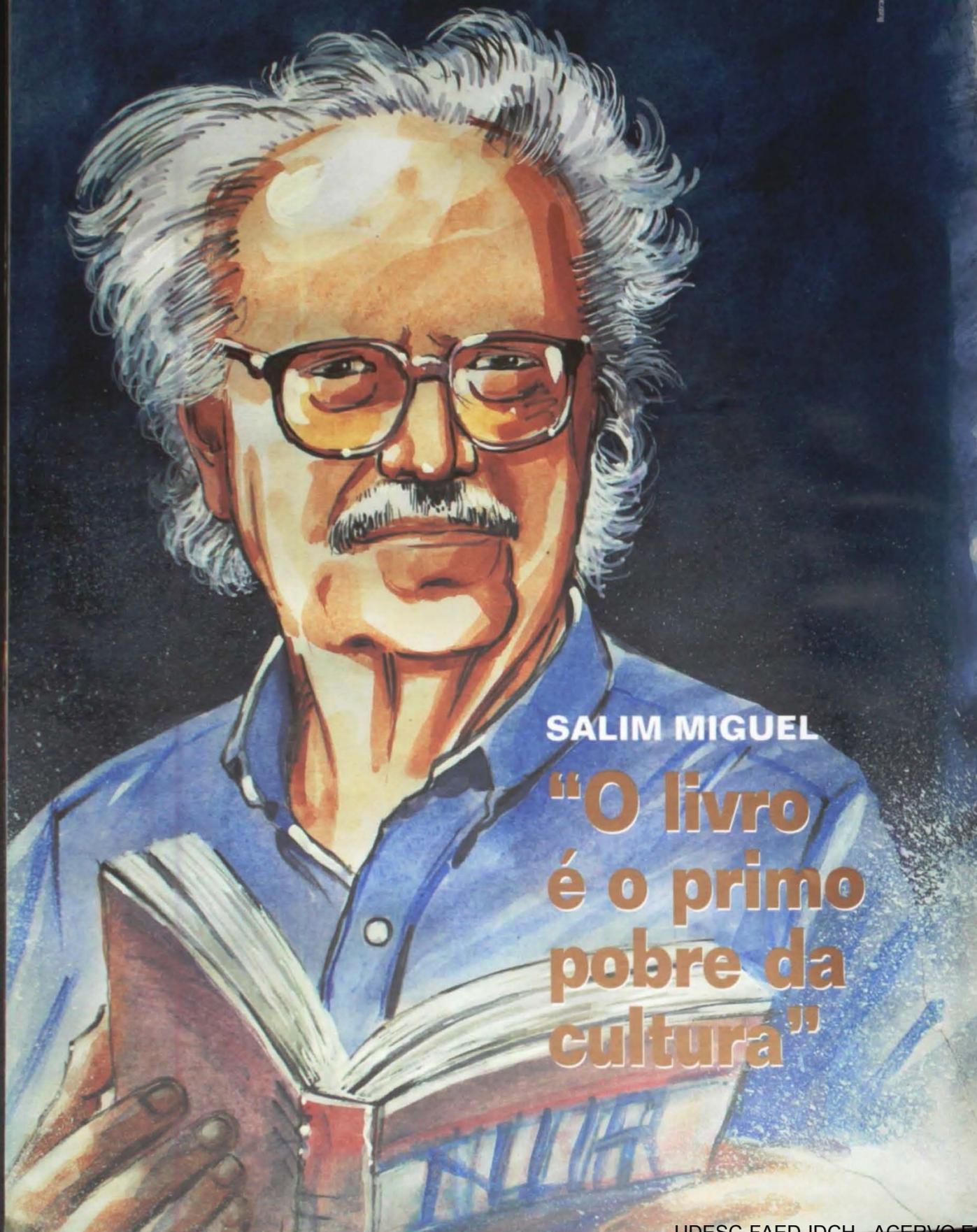
**A vitória do
Maracatu contra
o Dodecafonismo**

WALTER SALLES

**Cineasta reafirma
gosto pela estrada**

DALÍ

O Surrealismo em pessoa



SALIM MIGUEL

“O livro
é o primo
pobre da
cultura”

10

Santa Catarina se prepara, neste ano da graça de 2004, para prestar uma série de homenagens a um dos seus filhos mais queridos: o escritor, jornalista e cidadão do mundo Salim Miguel que, nascido numa aldeia perdida entre as montanhas do Líbano, aportou aos três anos de idade em Biguaçu, na Grande Florianópolis, que o viu crescer e de onde saiu um dia para guiar a sua própria caravana.

Casado com a também escritora Eglê Malheiros, Salim tem uma larga folha de serviços prestados à cultura brasileira, iniciado com o Grupo Sul, em 1947, um movimento regionalista que intercambiava informações com outras regiões do país e com o Exterior.

Salim trabalhou na imprensa catarinense e como correspondente de jornais e revistas até que, com o Golpe de 64, foi preso e proibido de exercer sua profissão. Mudou-se em seguida para o Rio de Janeiro, onde acabamos nos encontrando e sedimentando uma amizade na ecumênica redação das Empresas Bloch, onde havia talentos e malucos para todos os gostos. Durante 13 anos, Salim foi *copy-desk*, como se dizia na época, repórter e chefe de redação de algumas das muitas revistas editadas pela empresa. Foi colaborador por quase 10 anos do caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*. Amigo de Antonio Houaiss, redigiu verbetes sobre escritores brasileiros para a *Enciclopédia Delta-Larousse*. Na companhia de Eglê, escreveu argumento e roteiro do filme *O Preço da Ilusão* e, mais tarde, com Marcos Farias, fizeram adaptação e roteiro de *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Autor de 22 livros – romance, conto, crítica, depoimentos – Salim Miguel recebeu, em 1999, o prêmio Melhor Romance do Ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte ao seu *Nur na Escuridão*. Em 2002, foi escolhido pela UBE-SP e pelo jornal *Folha de São Paulo* o Intelectual do Ano, recebendo também o Troféu Juca Pato. E aguarda o lançamento, pela Editora Record, do seu novo romance – *Mare Nostrum* – no início do segundo semestre deste ano.



Ivanildo Sampaio

Você, ao que parece, abandonou o ofício de jornalista para se tornar apenas escritor. Que avaliação faz da literatura brasileira hoje?

Por mais que procure me manter atualizado, não é fácil uma avaliação, pois com a idade já não consigo manter o mesmo ritmo de leitura de anos atrás. Além disso, a extensão territorial do Brasil, com a concentração no eixo Rio-São Paulo, e a deficiente distribuição de livros fazem com que não se fique sabendo de boa parte do que se publica. Por exemplo, só por acaso, ao retomar contato com Nagib Jorge Neto, maranhense há muitos anos radicado no Recife, fiquei sabendo do seu excelente *A Fantasia da Redenção*. E quantos aí pelo Nordeste saberão de um escritor da força do gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil? Há muita gente escrevendo e só o tempo vai determinar quais vão persistir.

Você falou de Nagib Jorge Neto e do gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil. Não é muito pouco num país com as dimensões e as características do nosso?

Há mais gente – e gente boa – escrevendo, sim. Vou me limitar a citar alguns escritores que não são tão novos assim, mas que são importantes na nossa literatura. Por exemplo: eu destacaria o gaúcho Walmor Santos, o paranaense Miguel Sanches Neto, o mineiro Luis Ruffato, o baiano Valdomiro



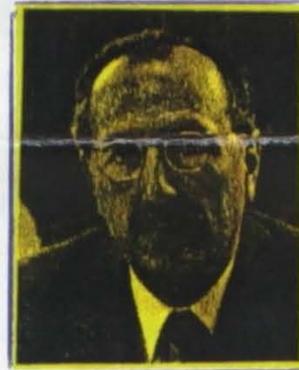
Largo do Arouche, 312 / 324

"Célio Debes, paulista empenhado na saga de São Paulo." p.5

A Semana

São Paulo, 20 de junho 2002 - Ano II - n° 48

Presidente:
Israel Dias Novaes
Editor:
Luiz Ernesto
Kawall



CILAINE ALVES CUNHA

Poesias Completas

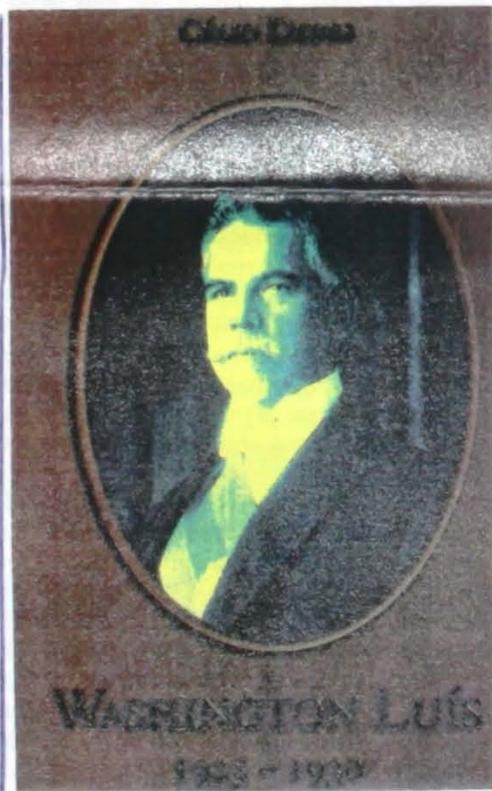
Álvares de Azevedo
Péricles Eugênio da Silva Ramos (org.)
Ed. da Unicamp (Tel. 0/xx/19/3788-7786)
608 págs., R\$ 60,00

ÁLVARES

inteiro

(FSP)

página 2



Este é o segundo volume da
biografia do Presidente Washington Luís.
página 5

Paulo Bomfim

Apenas
MURILLO

página 3



O poeta mineiro Murilo Mendes (1901-75)



A escritora Lygia Fagundes Telles

uma rua Barão de Itapetininga de "poucos passantes e bem calçados, chapéu de feltro", a boca de quem está com os pés no presente pergunta: "E os camelôs? E os pedintes?"

É como se aquele presente, de onde parte tanto o texto quanto o mergulho

no passado, se impusesse sobre a evocação. Vitória do presente sobre o passado em pleno campo da memória? Não, porque o passado volta, no final do texto, sob a forma de uma carta de Mário de Andrade, a respeito da qual só ficamos sabendo que nada saberemos: "Mas aca-



(FSP)

bei por perdê-la numa sala de aula e nunca mais".

É nessa suave tensão, convertida em forma de narrar, que "Depois Daquele Estranho Chá" nos apresenta, além de Mário de Andrade, Clarice Lispector, Paulo Emílio Salles Gomes, Glauber Rocha, Simone de Beauvoir ou a cidade de Teerã antes da revolução islâmica, esta num dos momentos mais fortes do livro.

Juntamente com "Invenção e Memória", este "Durante Aquele Estranho Chá" coloca Lygia Fagundes Telles ao lado de escritores como Jorge Amado e Murilo Mendes, que também optaram pela descontinuidade do fragmento, pelo abandono do grande fluxo narrativo que se encontra nas memórias de Graciliano Ramos ou de Pedro Nava. Mesmo que seja, em princípio, um livro involuntário, despretensioso, ajuda a compor mais um passo da tradição, ainda em processo de afirmação, do livro de memórias como gênero literário no Brasil.

Luís Bueno é professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Paraná.

Obra do escritor libanês radicado em Santa Catarina tem raízes no trabalho jornalístico e nas origens orientais

Salim Miguel ganha Troféu Juca Pato

FRANCESCA ANGIOLILLO
DA REPORTAGEM LOCAL

O jornalista e escritor Salim Miguel, 78, foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores com patrocínio da Folha.

O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelec-

tual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi "Eu e as Corruíras" —que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorava os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa

Catarina aos três anos de idade.

Paulo Coelho já é quase um imortal

► Nélida Piñon avisou a Paulo Coelho que vai apoiar sua candidatura na ABL. Com o voto da imortal, o escritor se aproxima do fardão, com o apoio de 18 acadêmicos.

(FSP)

LÍBANO



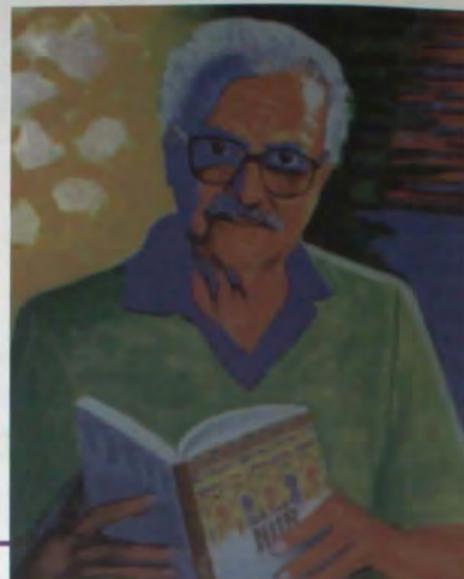
Edição 0 - ano 1 - setembro 2002

Duas Nações irmãanadas na paz



PRÊMIO LITERÁRIO

50 anos da carreira literária de Salim Miguel comemorados com Troféu Juca Pato



Salim Miguel, escritor e jornalista libanês que se mudou para o Brasil aos 3 anos de idade, foi homenageado com o Troféu Juca Pato no início de junho. O prêmio, concedido a intelectuais que publicam obras relevantes para a cultura nacional, vem coroar seus 50 anos de carreira literária. A obra que lhe rendeu o reconhecimento - "Eu e as

Corruiras" - é, por si só, uma homenagem, já que se trata de coletânea em comemoração à carreira de Salim.

O autor, conhecido por seu esforço para entender o "bicho-homem", defende enfaticamente a preservação dos valores e a busca de justiça social. Autor de mais de 20 títulos, sendo 16 de

ficção. Salim Miguel afirma que sua origem libanesa aparece direta ou indiretamente em suas obras. "Nur na Escuridão", um de seus romances mais recentes, relata a história de uma família de imigrantes libaneses no Brasil e as transformações por que ela passa sem, no entanto, perder suas raízes. ●

O ÁRABE NA PONTA DA LÍNGUA DOS BRASILEIROS

Durante os últimos dois séculos, o conhecimento do árabe no Brasil praticamente restringiu-se aos meios familiares dos imigrantes provenientes de países que o adotam como língua oficial. É o caso dos libaneses, cujas famílias preservaram algo do árabe que seus ancestrais falavam no País dos Cedros. Não é raro ver jovens descendentes

falando algumas palavras e, em alguns casos, até mesmo fluentes nesse idioma conhecido por sua força poética e imagética.

Hoje o árabe vem sendo difundido como nunca. Algumas escolas de idiomas já oferecem cursos e professores particulares podem ser facilmente contatados para uma aula experimental.

Existem várias razões para esse súbito aumento de interesse, que vão do estreitamento das relações comerciais com os países de língua árabe até alguns programas de televisão.

A língua árabe, porém, não é fácil de ser ensinada no Brasil. A grafia das palavras tem de ser transposta para o nosso alfabeto



AUTOR CONSAGRADO COM APENAS DUAS OBRAS

Milton Hatoum já figura entre os maiores escritores brasileiros da atualidade

Autor de apenas dois livros, Milton Hatoum já pode ser considerado um dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Sua estréia se deu em 1989 com "Relato de um Certo Oriente", livro que lhe valeu o Prêmio Jabuti de 1990 (melhor romance), traduzido para diversas línguas e editado na Europa e nos Estados Unidos.

Depois do "Relato", o amazonense, filho de pais libaneses, levou onze anos para lançar seu mais recente livro "Dois

Irmãos" (2000), pela Companhia das Letras. A obra foi bem recebida pela crítica especializada e representou um marco na carreira de Hatoum, já que o estabeleceu, definitivamente, como um escritor de primeira grandeza. "Dois Irmãos" utiliza uma linguagem mais limpa e fluida do que "Relato", e é uma exímia construção, na qual a narrativa revela beleza e cuidado impressionantes com a subjetividade.

"Dois Irmãos" passa-se em

Manaus e trata das relações familiares de imigrantes libaneses. O enredo baseia-se na antagônica relação entre Omar e Yaqub, os filhos gêmeos de Zana e Halim. Omar é mulherengo, inconstante, desbocado, e é o preferido da mãe, ao passo que Yaqub, calculista e tímido, é o preferido do pai. Hatoum transita entre vários mitos, tais como Caim e Abel, e compõe uma obra que pode ser incluída entre as melhores lançadas em 2000. ●

e, em decorrência disso, elas são escritas diferentemente por diferentes professores. Soma-se a isso a enorme quantidade de sotaques e regionalismos a que o árabe é submetido. Pensar que o árabe falado no Lêmen é o mesmo falado no Líbano, Egito ou Marrocos é um equívoco. As regras estabelecidas pelo árabe clássico não são seguidas coloquialmente em todos os lugares, e é possível que um marroquino não consiga compreender um iraquiano (e vice-versa).

Ainda assim, os professores que se propuseram ensiná-lo por estas bandas criam suas próprias metodologias, num esforço realmente admirável. Ainda não existe um método de ensino do árabe para brasileiros adotado por vários professores. Todos os mestres são ainda um pouco solitários e quebram a cabeça quase diariamente para acompanhar as turmas.

Quanto a livros que se propõem ensinar o árabe, destacam-se "Árabe Coloquial com Caracteres Ocidentais sem Mestre", de

Chafic Elia Said, e "Lições de Árabe - um guia prático para iniciantes", de Olga Creidy. O primeiro enfatiza os aspectos gramaticais, sem deixar de lado a conversação, e é mais volumoso. Já o de Creidy, mais sucinto, traz gravuras em abundância no intuito de fornecer uma visão ilustrativa do idioma, incluindo diálogos e podendo ser também utilizado por alguém que fale árabe para aprender o português. São duas ótimas opções para auxiliar os interessados no aprendizado do árabe coloquial falado hoje no Líbano. ●

EXCLUSIVO: O balanço cultural do Ministro Weffort



CARTAZ

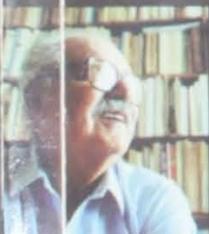
Cultura & Arte

Ano I - Nº 1 - R\$ 5,00



Hassid

Um templo para adorar o rebelde



Salim Miguel

Bodas de Ouro com a literatura



Patrimônio

O diferencial na busca do turismo



ABL

Quem se habilita?

O voo do bailarino de Joazeiro : Tânia Laranca lança novo filme

M

Maktub

Estava escrito

Predestinado a
escrever,
Salim Miguel
completa 50 anos
na literatura

Escritor catarinense mais festejado da atualidade, Salim Miguel saboreia, 50 anos depois de sua estréia na literatura, o prazer do sucesso obtido com uma obra densa e contínua que totaliza 20 livros publicados, todos conduzidos por um estilo marcante, onde se evidencia uma espécie de obsessão do autor pelo tempo e a memória, a velhice e a morte. E é no passado que ele mergulha para encontrar os instrumentos e a matéria-prima que dão corpo aos seus escritos, divididos entre romances, contos, crônicas, novelas e investidas na crítica e análise de temas os mais diversos.

É também no passado distante da década de 1920 que é preciso ir para encontrar as raízes brasileiras de Salim Miguel, imigrante libanês que aportou na costa americana do Atlântico em 1927, aos três anos de idade, acompanhado de uma família que se aventurava na busca quase cega de uma vida nova. Daí o título de seu último romance, *Nur Na Escuridão*, de 1999, no qual reorganiza sua própria trajetória para contar a história do pai, homem sonhador que fez das tripas coração para colocar luz - nur - no caminho da mulher e dos filhos, um deles chamado Salim e com o destino traçado: seria um mestre no domínio da palavra. Estava escrito, ou Maktub, na língua árabe. Pela narrativa precisa e detalhista e tom memorial imposto ao texto, *Nur Na*

Escuridão caiu nas graças da crítica e dos leitores. O resultado dessa simpatia pelo romance de Salim foi a conquista de dois dos três principais prêmios literários do Brasil. O primeiro veio da Associação de Críticos de Arte de São Paulo, logo após seu lançamento, ainda em 1999, e o segundo

em agosto deste ano, quando dividiu com o baiano Antônio Torres o prêmio Zaffari & Bourbon da 7ª Jornada de Literatura de Passo Fundo. Faltou para completar a série o mais importante, o Jabuti, o que não aconteceu, talvez, simplesmente porque a editora Top Books não o inscreveu na disputa.

PRECOCE

Muito cedo, já vivendo em Biguaçu, Salim encontrou na literatura uma forma de ampliar sua visão do mundo, tão vasto e distante num tempo em que nem mesmo rodovias federais passavam pelo litoral catarinense. Sem saber, na brincadeira de menino, se esboçavam os primeiros sinais de uma personalidade literária. Nas silenciosas noites biguaçuenses da década de 1930, sem ser alfabetizado, ele recortava palavras de velhos jornais e, mesmo desconhecendo seu significado, as colava ordenadamente em folhas de papel. Formava aí o que, para ele, eram relatos

Texto: Regis Mallmann
Fotos: Eduardo Marques

dos acontecimentos do dia. Já exercia, sem saber, o jornalismo, profissão que seguiu e que lhe deu sustento ao longo da vida. "Aprendi a escrever antes de aprender a escrever", brinca hoje, aos 77 anos, com um nome consagrado não só na literatura como também na imprensa nacional, onde militou desde cedo, com passagens por grandes jornais e revistas, como *Fatos e Fotos*, *Manchete* e *Jornal do Brasil*, entre outros para os quais atuou como colaborador. Além de garantir o pão à mesa da família que formou ao lado da também escritora Eglê Malheiros, com quem está casado há mais de 50 anos, o jornalismo forneceu ao escritor Salim Miguel inúmeras histórias que ele acabou por surruiar e que viraram recheio de romances, contos, crônicas e novelas. Este é um expediente que ele próprio assume ter adotado mais de uma vez. Basta ler mais de um de seus livros para perceber que o cotidiano das personagens não é distante daquilo que o próprio autor vive ou viveu.

"Tudo que escrevo se baseia em algo que presenciei", confessa. Foi assim desde que ele virou escritor, garante, ao contar que a base para seu romance de estréia, *A Velhice e Outros Contos*, não são nada mais do que os relatos feitos por gente que conheceu quando, em 1950, participou como recenseador do censo do IBGE em Florianópolis. "William Faulkner violava cartas com vapor", conta, para dizer que foi sabendo disso que não se sentiu melindrado quando começou a levar para seus textos as histórias alheias. "Na casa desses velhos, eu chegava a ficar uma hora conversando, ouvindo as histórias", lembra. Isso resultou em cinco dos oito contos que formam *A Velhice e Outros Contos*, que saiu pela



Obras do autor

"Tudo que escrevo se baseia em algo que presenciei"

Editora Sul, braço literário do Grupo Sul, que revolucionou as artes catarinenses na metade do século passado. Deflagrado em 1947 - quando Salim já morava em Florianópolis havia quatro anos - tomando por modelo a *Semana de Arte Moderna*, que chacoalhou São Paulo e o Brasil 25 anos antes, o movimento selou novos ru-

mos para a cultura em Santa Catarina. Ao lado de outros então jovens sonhadores, Salim e a mulher se atiraram de cabeça num projeto que se dividia entre artes plásticas, literatura, teatro, música, cinema, publicação de jornal e outras atividades, num trabalho que rendeu dividendos não só dentro do Estado, mas em outras partes do Brasil e até do exterior. Remete a esta época a produção, pelo Grupo Sul, do único longa-metragem genuinamente catarinense. O filme *O Preço da Ilusão* é visto até hoje como uma experiência histórica, mais pelo fato do ineditismo de se ter executado uma obra cinematográfica desse caráter numa época em que Santa

Catarina ainda gravitava entre hábitos do século XIX e a modernidade do século XX do que exatamente pela qualidade do produto. O argumento e roteiro eram assinados por Salim e Eglê, junto com E.M. Santos, num exercício de parceria que o casal repetiria na década de 1970 ao adaptar e escrever, com Marcos Farias, o roteiro de *A Cartomante*, de Machado de Assis. O Grupo durou nove anos, terminando oficialmente em 1958, mas foi forte o bastante para ser lembrado até hoje. Com o fim do Grupo Sul, iniciava-se outro momento da vida de Salim Miguel, então já um nome conhecido fora das rodinhas de intelectuais. No começo dos anos 60's, ingressou no governo como chefe da sucursal da Agência Nacional, então o órgão de imprensa e propaganda oficial. Mal sabia ele que isso selaria seu destino no golpe militar de 1964, quando foi preso e amargou 48 dias de reclusão e incerteza. Além de estar vinculado ao poder, então nas mãos do grupo de João Goulart, o presidente deposto, Salim era uma personalidade que, naqueles tempos de perseguição a qualquer um que andasse com as próprias pernas, vinha de ativa militância cultural e intelectual, algo temido tanto pelos comunistas quanto pelos generais. Esse período pessoal também não foi desperdiçado pelo escritor, que jogou suas lembranças e anotações num baú e 20 anos depois, em 1994, lançou-os à luz pública no livro *Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia*. Uma obra definitiva que remete o leitor a um universo real, mas escrito na segunda pessoa do singular, forma, segundo ele, encontrada para manter o devido - aparente - distanciamento de um dos momentos mais marcantes de sua

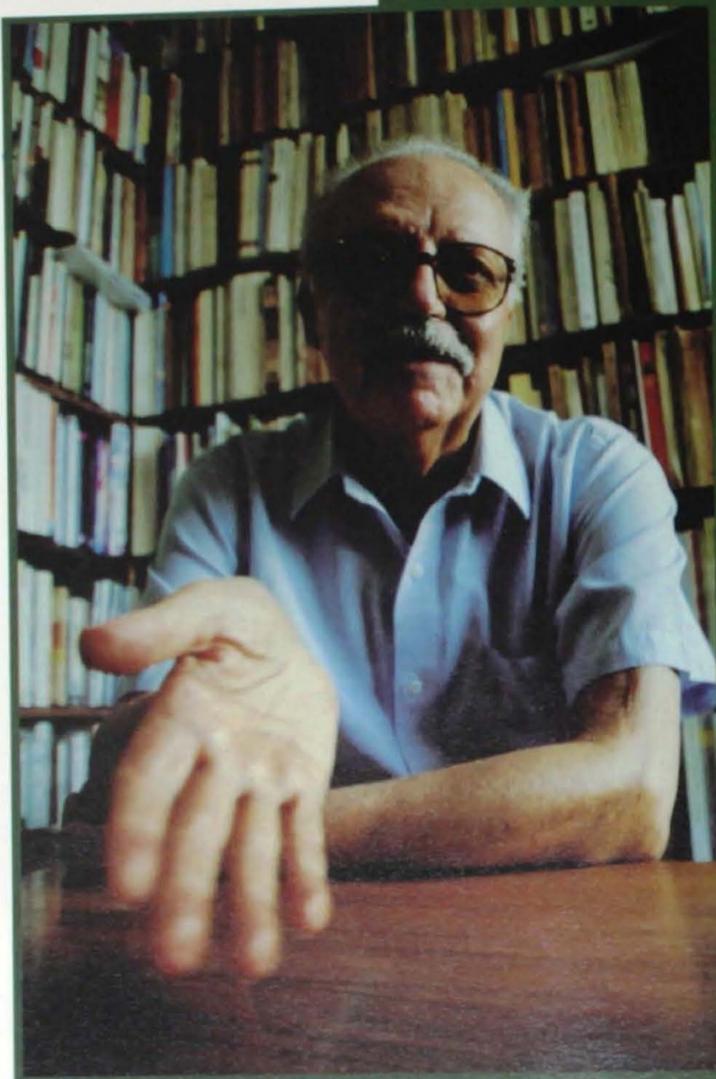
- *Velhice e Outros Contos*, Editora Sul, Florianópolis, 1951
- *Alguns Gente, Histórias*, Editora Sul, Florianópolis, 1953
- *Rede*, romance, Editora Sul, Florianópolis, 1955
- *O Primeiro Gosto*, contos, Editora Movimento, Porto Alegre, 1973
- *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, contos, Editora Antares, Rio de Janeiro, 1979
- *A Voz Submersa*, romance, Editora Global, São Paulo, 1984
- *Dez Contos Escolhidos*, Editora Horizonte, Brasília, 1985
- *O Castelo de Frankenstein*, anotações sobre autores e livros, Editora Lunardelli/UFSC, Florianópolis, 1986
- *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, romance, Editora Tchê, Porto Alegre, 1987
- *As Areias do Tempo*, contos, Editora Global, São Paulo, 1988
- *O Castelo de Frankenstein*, volume 2, Editora Lunardelli/UFSC, Florianópolis, 1990
- *As Várias Faces*, novela, Editora Movimento, Porto Alegre, 1994
- *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1994
- *As Desquitadas de Florianópolis*, contos, Editora Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1995
- *Onze de Biguaçu Mais Um*, contos, Editora Insular, Florianópolis, 1997
- *Variações Sobre o Livro*, ensaios, Editora EDUFSCar, São Carlos, 1997
- *As Confissões Prematuras*, novela, Editora Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1998
- *Nur Na Esecuridão*, romance, Editora Top Books, Rio de Janeiro, 1999
- *Apontamentos Sobre Meu Escrever*, Editora Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, Florianópolis, 2000
- *Eu e as Corruças*, crônicas, Editora Insular, 2001

vida. A saída da prisão sela também uma nova fase, com sua transferência - meio que forçada - para o Rio de Janeiro, onde o ofício de jornalista tornou seu nome mais conhecido e possibilitou a ele contar suas belas histórias em forma de reportagem.

A vida no Rio não foi exatamente o que Salim sonhava para si e sua família. Considerava aquilo um exílio dentro do próprio País, algo que não se enquadrava no perfil de uma mente libertária, que sempre lutou pelos direitos iguais, sem no entanto envolver-se politicamente - pelo menos sem carregar bandeiras partidárias. Morou na capital da então Guanabara até 1979, quando voltou à cidade que o acolhera na época em que a família resolveu deixar Biguaçu, quase 40 anos antes. Novamente em Florianópolis, passou a trabalhar na Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atuou até se aposentar, em 1991. Sua última atividade pública foi à frente da Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura de Florianópolis, entre 1993 e 1996. De lá para cá tem sido um homem das letras, simplesmente. Maktub, estava escrito.

SAÚDE

Aos 77 anos Salim Miguel, um homem que encontrou na leitura a realização pessoal e o caminho para traçar uma carreira profissional bem sucedida, enfrenta o pior dos problemas de saúde que pode acometer um escritor: uma deficiência visual. Provocada por uma retinopatia degenerativa, a perda parcial da visão o obrigou a reduzir o tempo diante dos livros, bem diferente dos tempos em que, ainda jovem em Biguaçu, não se cansava de passar horas lendo em voz alta para João Mendes, o proprietário



cego da pequena livraria onde começou sua aventura virtual pelo mundo da palavra. Hoje, o papel que ele interpretou para o amigo no passado, é de Eglê, a companheira de jornada e de muitas atividades. É ela quem, quando o assunto interessa, chama a atenção de Salim para alguma notícia de jornal ou revista, mantendo vivo em seu cotidiano um hábito que ele cultivou ao longo da vida e que agora está um pouco abandonado. "Parei de ler jornal para dedicar o pouco que posso para os livros", explica.

"Parei de ler jornal para dedicar o pouco que posso para os livros"

Trechos das obras

"O pai não entende o que o motorista quer dizer, em vão o homem repete maios alto, mais alto. Luz. E faz uma careta, coça a cabeça, abre um sorriso que lhe revela os dentes perfeitos, puxa do bolso uma caixa de fósforos (a mãe murmura, tagur), tira um palito, acende, repete indicando a trêmula chama que logo se extingue, luz, rápido, acende outro palito, com ênfase repete o mesmo, letra por letra, l, u, z, antes de mais um LUZ - e só aí o pai entende a palavra que jamais esqueceria e lhe abre as portas do novo mundo. Abana a cabeça. O motorista volta a sorrir: luz. O pai também: luz. Nur."

• Do romance *Nur Na Escuridão*, de 1999

"DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL. Eis uma expressão que te agrada e costumes repetir com frequência. Dizes: espécie de marca identificadora grudada às pessoas, nova pele sobre a pele original. Quantas vezes, na rua, em hotéis, no trabalho, em bares, nos teatros e cinemas, chamavas a atenção de tua mulher ou comentavas contigo mesmo, olha, é um bancário, é uma

professora, é um jogador de futebol, é uma dançarina, é um cabeleireiro, é um caixeiro-viajante, é um marítimo, é um..."

• De *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, de 1994

"Será que em tal sentido existe algo que possa substituir a escrita? Falando ainda do romance, mas podendo de novo servir para a criação de modo feral, insiste Sábado: 'É característico de um bom romance nos arraste a seu mundo, que nos submerjamos nele, que nos isolemos a ponto de esquecer a realidade. E, no entanto, é uma revelação sobre essa mesma realidade que nos rodeia. Acrescento: pode variar o suporte, não a essência. Um homem falando a outro homem prescindindo da distância e do tempo. Lemos hoje com o mesmo encantamento - (embora talvez de forma diferente) um poema de Homero, uma peça de Shakespeare, um soneto de Camões, um romance de Cervantes ou Stendhal, um conto de Tchecov."

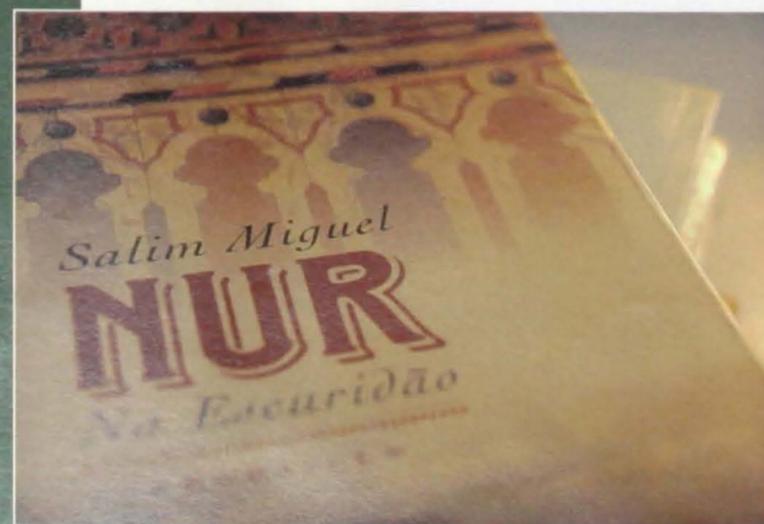
• Do ensaio *As Últimas Tendências da Literatura*, em *Variações Sobre o Livro*, de 1997

"O vírus. A coisa. Atacará. Inicia sua caminhada. Indeciso ainda. Titubeante. Aos poucos se afirmaria. Cada pessoa via-se outra. Outra? Que outra! Via-se. Olhava-se, não era ela, sendo. Era o seu interlocutor, que por seu turno era ela. Desconhecendo-se, todos se reconheciam. Mas já tudo mudava. Cada pessoa se multiplicava em lugar de se modificar. Via-se todas as outras iguais a ela, numa reprodução infinita. Já nova modificação se processava. O vírus procurava o seu modo definitivo de afirmação. Vai ser. Quando todos passariam a ser um, uno, único, integrando-se."

• Do conto *O Vírus*, em *O Primeiro Gosto*, de 1973

"Somem e ressurgem inesperadamente as desquitadas de Florianópolis, não se sabe como e nem por quê. Mas não desaparecem nunca os aflúvios que elas emitem ao passar. Um ressaibo permanece no ar, infiltra-se no mais íntimo das pessoas. Não tem dia nem noite nem hora determinada. E já: eilas. As desquitadas de Florianópolis atravessam e violentam o velho caminho de aço e ócio, que molengão coleia até atingir, num espasmo, com um suspiro lerdo e garras vorazes, a outra margem. Furado o céu, a ponte metálica - símbolo fálico encravado nas duas bandas - nada resolve, frígida que ela é."

• Do conto *As Desquitadas de Florianópolis*, no livro homônimo, de 1995





EDITORA
GLOBO

LAVOURA E PECUÁRIA EM HARMONIA

- **Lucratividade dobra com o sistema de integração que une criação e safras**
- **Diversificação faz com que riscos de queda nos preços sejam diluídos ao produtor**
- **Rotação de culturas reduz a incidência de pragas e racionaliza uso de insumos**



“Com geada o trigo morre; o boi, não”

José Galassini, presidente da Coamo, maior cooperativa da América Latina

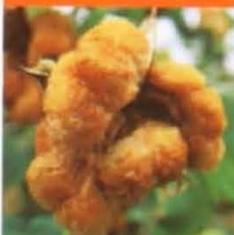


VIDA RURAL

COMO FAZER

- Culinária do SERTÃO
- Cultivo de ORQUÍDEAS
- Criação de GANSOS
- Paiol para GRÃOS

TECNOLOGIA



ALGODÃO COLORIDO

Nova variedade da Embrapa faz sucesso entre os produtores rurais da Paraíba

ESPECIAL



ONÇA ACUADA

Com a deterioração de seu hábitat, felinos ampliam predação de animais domésticos

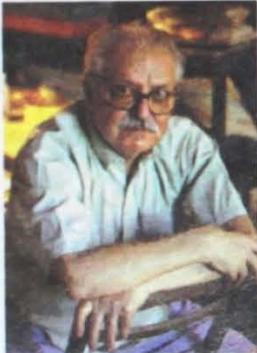
O sabor da fome

Terminaste a frugal refeição, que vai ser completada com frutas. Ficas indeciso, ontem foi a vez do mamão, te lembravas do que costumava repetir pai Otávio, avô de tua mulher: mamão bom só do Nordeste, regular do Sudeste, no Sul só com açúcar; hoje, nem com muito açúcar, embora o aspecto tão mais apetitoso.

Observas a mesa: uva, goiaba, tangerina, que pode também ser chamada de vergamota ou mexerica. Todas muito bonitas, mas pouco saborosas. Não faz muito, na feirinha, em conversa com seu Mané, dizias que durante anos andaste em busca de marmelo, saboreado na meninice, e que decepção ao não sentires absolutamente gosto nenhum, e o homem, bem falante, mais que rápido, "era o sabor da infância e da fome, meu amigo, marmelo só pra marmelada".

Necessário decidir. É a goiaba, das vermelhas, grande, lustrosa, tentadora, embora temas o gosto de nada. Mal lhe cravas os dentes, és transportado para Biguaçu, tens uns treze anos, acabaste de pular o muro que separa tua casa da chácara de Seo Galiani, olhas para um lado e outro, ninguém à vista, rápido trepas na goiabeira e ao mesmo tempo em que abarrotas os bolsos com frutas maduras e de vez, enches a boca em dentadas vorazes. Ouves latidos, deslizas pelo tronco, disparas, quase sem fôlego, goiabas escapando dos bolsos, saltas o muro.

LEONARDO WERSCAGÊNCIA O GLOBO



Salim Miguel

é jornalista, escritor e autor de 20 livros, entre eles, *Nur na Escuridão* (Editora Top Books) e o recém-lançado *Mare Nostrum* (Editora Record).

A chácara do italiano era enorme, podia quase abastecer a população do lugar, mas o homem quase nada vendia ou dava, os frutos abarrotando o terreno, o adocicado odor putrefato atravessava casas e ruas e não só penetrava pelas narinas, como enchia a boca de saliva.

Seo Galiani raramente saía do casarão murado e, quando entrava na venda, teu pai já sabia o motivo. A conversa era rápida e a reprimenda demorada; tu eras um dos mais visados, não conseguindo fugir à tentação. As

“ Seo Galiani raramente saía do casarão murado e, quando entrava na venda, teu pai já sabia o motivo. A conversa era rápida e a reprimenda demorada; tu eras um dos mais visados ”

peladas, os banhos de rio, as correrias, nem mesmo a leitura te saciavam. Para evitar problemas o pai te mandava comprar peixe fresco e camarão seco em Ganchos ou até Alto Biguaçu trazer dos Reitz batata, milho, aipim, um saco de farinha de mandioca. Botavas o Sultão na carrocinha e te tocavas, imaginação à solta, mais veloz do que o pangaré de tantos anos e tantos serviços prestados à família.

Retornando, teus devaneios sumiram à vista do engenho; bateste na casa ao lado, a filha de Firmiano, mulatinha sestrosa, botando corpo, peitinhos brotando do vestido de chita, alerta: "papai taqui o rapaz da cachaça" e te manda entrar. Seo Firmiano já vinha com uns garrafões num caixote de sabão Wetzel, meio derreado com o peso. Ele te manda sentar, puxa conversa, oferece um gole, insistindo, "prova, já tens idade", brinca "aquele povo da venda de teu pai acaba com a minha cachaça", tu meneias a cabeça; da porta, a guria te encara zombeteira. Hoje, um hoje perdido no tempo e na memória, não resististe, ao primeiro gole engasgaste, olhos cheios de lágrimas, enquanto Firmiano e a filha riam, o segundo gole caiu menos mal, a mocinha providenciara umas rosquinhas de polvilho.

Firmiano bota o caixote na carrocinha, recomenda-te cuidado, falando "qualquer hora apareço na venda do teu pai, para uma prosa".

Sultão parecia ter asas, a carrocinha voa, vês bem pertinho o céu, longínquas as casas da vila. Não demora o alto do morro, a descida veloz, um baque brusco: quase caís de tua cadeira, com metade da saborosa goiaba na mão; tua mulher, que estranhara o silêncio, pergunta assustada "o que foi homem?" e tu apenas repetes: "nada não, nada não".

subtrópicos

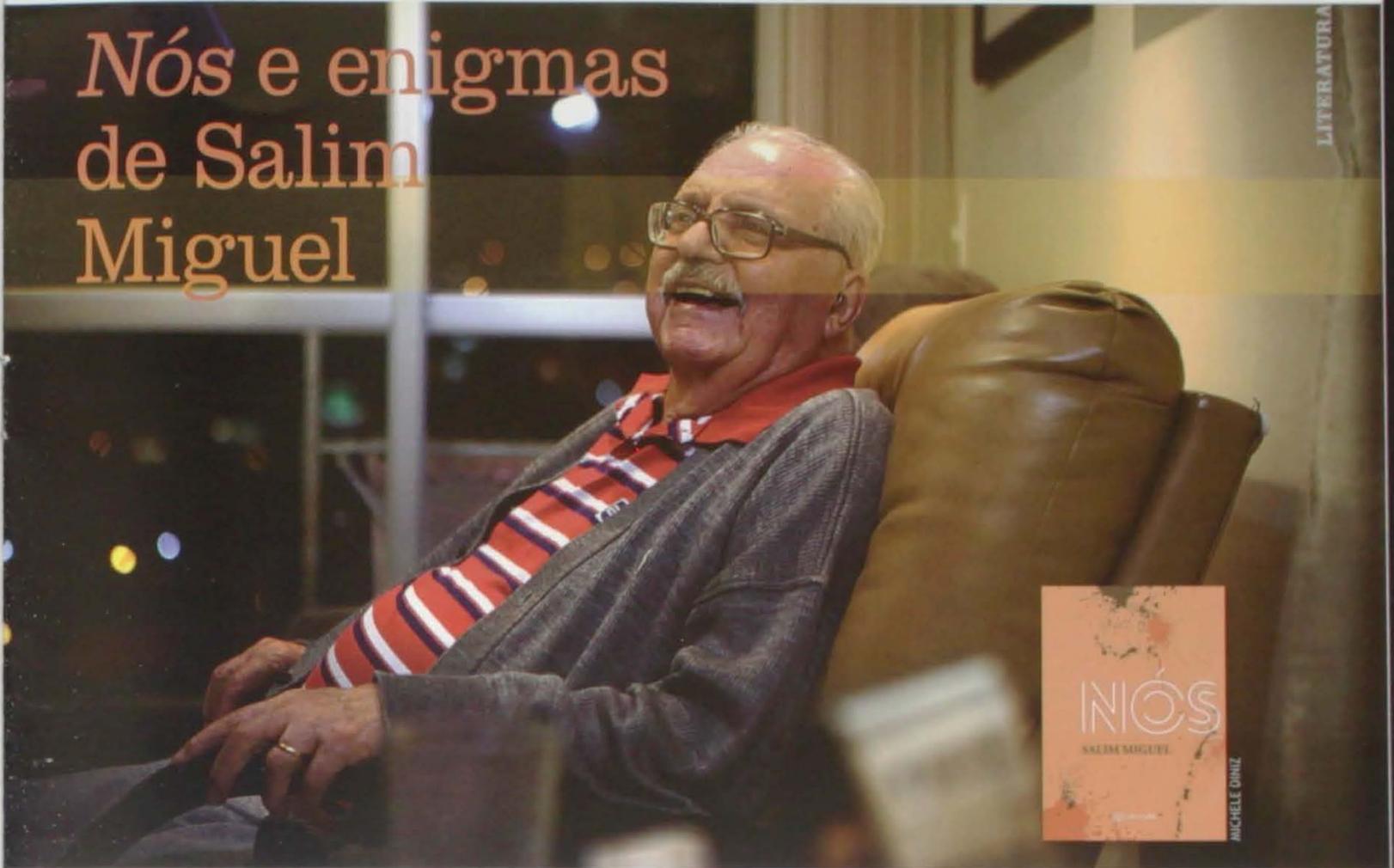
REVISTA DA EDITORA DA UFSC

FEVEREIRO 2015

#16

O DIA EM QUE O
FILHO DA UFSC
SE APOSENTOU •
O VOO MENTIROSO
DE *BIRDMAN*
• AS JANELAS
DE GREGÓRIO
• RODRIGO
BASTOS: DECORO
E ANACRONISMO •
DEPOIS DE 1945
• NÓS E ENIGMAS
DE SALIM MIGUEL
• SISTEMA
LITERÁRIO •
FOTOGRAFIA:
EDUARDO VALENTE

Nós e enigmas de Salim Miguel



Ambientada em Brasília, onde atualmente reside com a mulher, Eglê Malheiros, novela policial do escritor catarinense Salim Miguel, que acaba de ser publicada pela Editora da UFSC, homenageia os mestres do gênero

LUCIANA RASSIER

Nós, leitores de Salim Miguel, somos, incontestavelmente, privilegiados. O Mestre deleita-se em nos surpreender, e desta vez nos propõe uma novela policial que intriga e seduz. Um bilhete anônimo seguido de um telefonema lacônico. Um cidadão pacato oculta um assassino implacável. Um crime deixa a polícia e a mídia perplexas. Ninguém sabe. Ninguém viu. Mas, ao percorrermos as páginas, vamos encontrando indícios esparsos: seis degraus, o detalhe de uma blusa, o salto de um sapato.

Com os gestos apurados de um artesão, Salim Miguel tece os fios de sua narrativa e faz o acaso entremear destinos. Oriundos de diversos lugares do país, os personagens acabam em Brasília, envolvidos no crime: um milionário paraense, um rapaz catarinense, uma moça goiana, um alagoano candidato a vereador, um comissário de polícia paulista. A situação é confusa, o caso é intrincado. A vítima é-e-não-é quem se pensa. Como desfazer tantos nós?

A homenagem de Salim Miguel aos grandes mestres do gênero policial não está apenas na arquitetura da trama e nos recursos narrativos, mas também no auxílio solicitado a investigadores de primeira linha, como Sam Spade, Nero Wolfe, Philip Marlowe, Ellery Queen, o Padre Brown e o Inspetor Maigret. É a eles que recorre Auguste Dupin, parceiro do personagem-narrador para, entre cálices de *bourbon* e goles de cachaça, desvendar o mistério e interrogar os suspeitos.

Na obra de mais de 30 títulos que Salim Miguel vem construindo desde seu primeiro romance, em 1951, podemos aproximar *Nós de As várias faces* (1994) e *As confissões prematuras* (1998) — novelas que, a partir do roubo de um quadro e de um sequestro, colocam em cena interrogatórios e confrontos entre personagens. Além dessas afinidades mais específicas de gênero e de temática, *Nós* traz marcas recorrentes na escrita de Salim, como a alusão a suas leituras prediletas ou ainda a figura de um personagem-narrador-autor impotente

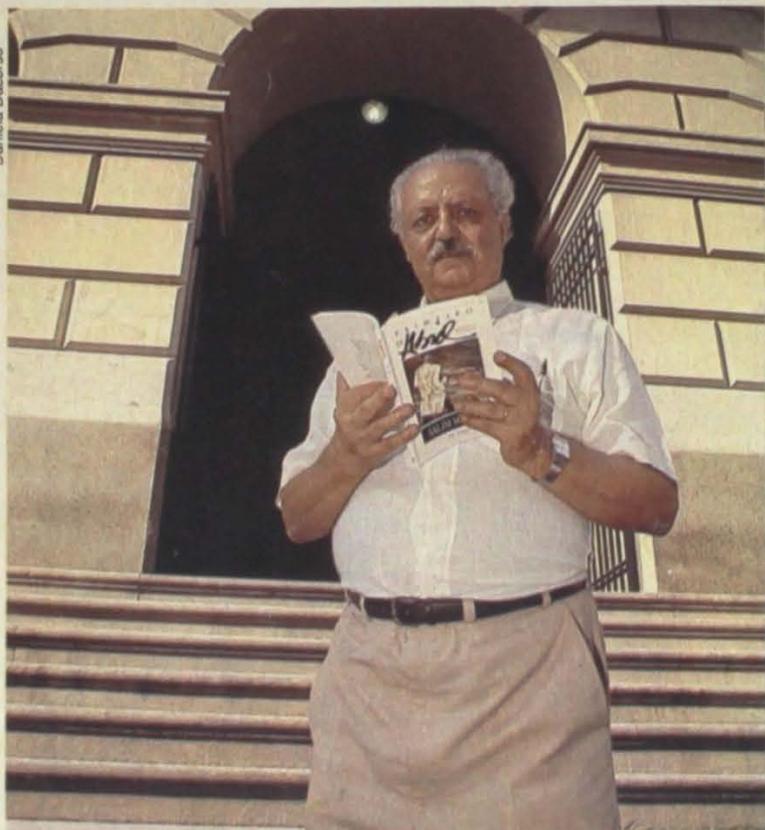
face à página quase branca e a personagens que teimam em tomar as rédeas do próprio destino. Outras marcas são o arrojado na forma; a habilidade na fragmentação e em sua articulação; as vozes plurais que multiplicam os pontos de vista para compor um texto que transforma o leitor em co-autor.

Em *Nós*, o escritor libano-catarinense segue fiel a duas outras características de seu projeto literário. Por um lado, compraz-se em recriar ficcionalmente a cidade onde vive. Assim, se até então suas narrativas se ambientavam predominantemente em Biguaçu, em Florianópolis e no Rio de Janeiro, os personagens de *Nós* convergem para Brasília, onde Salim Miguel e sua companheira de vida e de literatura, Eglê Malheiros, moram desde 2014. Por outro lado, o Mestre urde seu texto com as dores, incoerências, alegrias e dúvidas inerentes a todo ser humano, lembrando que cada um de nós tem a chance e a responsabilidade de (re)escrever sua própria história e de decifrar seus próprios enigmas.

É essa instigante narrativa inédita que a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina publica em homenagem aos 91 anos de Salim Miguel, que a dirigiu de 1983 a 1991, dotando-a de estrutura profissional e do prédio que ocupa até hoje e tornando-a um dos principais agentes da criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias. ■

LUCIANA RASSIER (Pelotas, 1970) é doutora em literatura pela Universidade de Montpellier, França. É professora da UFSC e tradutora. Com Jean-José Mesguen traduziu para o francês, entre outros, *Primeiro de abril, narrativas da cadeia*, de Salim Miguel (Editora L'Harmattan 2007).

Daniela Dacorso

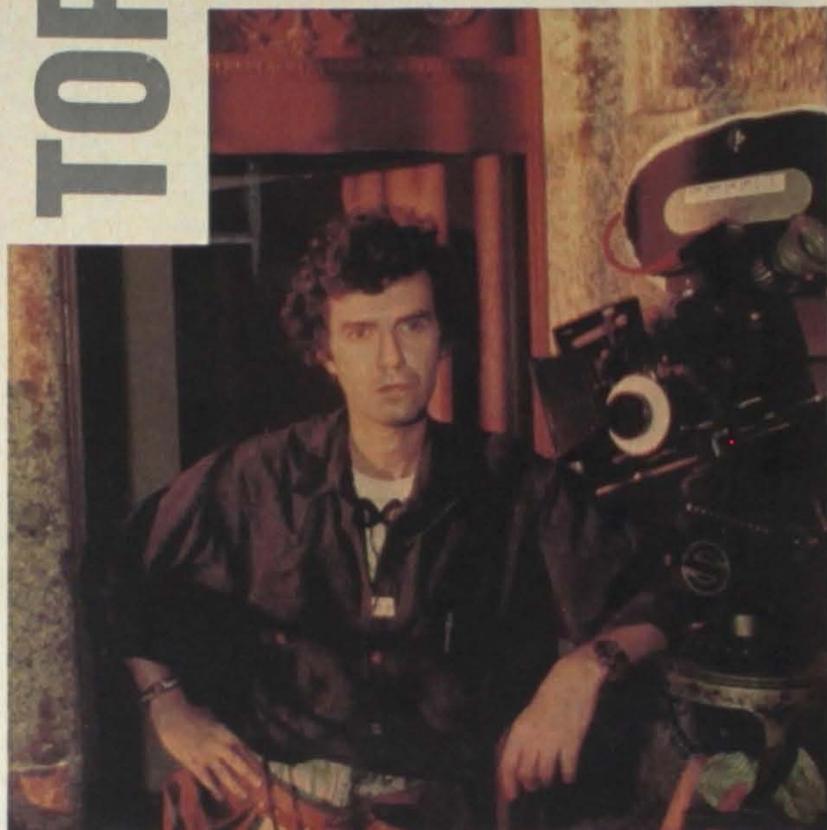


O ROMANCE DA TORTURA

● Memórias do cárcere, sim senhor. Não as de Graciliano, claro: as memórias de **Salim Miguel**, que, depois de passear pelos romances e críticas literárias, tirou do seu baú de lembranças o diário que escreveu nos 48 dias passados na cadeia, em Florianópolis, durante a ditadura de 64. *Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia*, décimo segundo livro de Salim, conta o que ele viveu, junto com outros 60 presos políticos, num alojamento da Polícia Militar. Graciliano aplaudiria.

COM CHOPIN NOS DEDOS

● Se não é Chopin em pessoa, alguma coisa dele está visitando o Rio. O ciclo Chopin trouxe grandes nomes da música ao Centro Cultural Banco do Brasil, e a pianista **Lilian Barretto**, uma das promotoras do evento, tocou ao lado do violoncelista russo Yuli Turovsky, que considerou o ciclo "um presente da pianista para o compositor".



A RESSURREIÇÃO NO PÓDIO

● Ninguém estranhou quando Néelson Pereira dos Santos conquistou a Margarina de Prata 94, prêmio máximo do cinema nacional, com *A Terceira Margem do Rio*. E todo mundo achou natural, também, que **Marcelo Taranto** ganhasse o mesmo prêmio na categoria curta-metragem, com *Ressurreição*, pois desde seu primeiro curta, *Circo das Ilusões*, ele já mostrava seu talento, tanto que participou do Festival de San Sebastian, Espanha. O curta, espécie de parábola sobre a história recente do Brasil, "é uma homenagem a todos os brasileiros, vítimas da violência e do descaso", diz Marcelo.

QUE LOOK MAIS LOUCO

● Não é só devido a dietas que muitas maquiagens ficam tão magrinhas. Para manter as gordurinhas a distância, elas são obrigadas a tomar aquelas coisas que o Pablo Escobar exportava para os Estados Unidos. É o que denuncia **Andie McDowell**, que foi modelo antes de se tornar estrela e diz que *cheirava* a contragosto. Andie está de novo nas telas, com *Quatro Casamentos e um Funeral*. Sem *cheiro* nenhum.



O Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | NÚMERO 69 | 2009

“Meu estilo é a falta de dinheiro”
Michel Ocelot



“Nenhum artista mais precisa sair
de sua terra para ser notado”
Paulo Herkenhoff



“Meu aprendizado se fez com a
vida e os livros, com gente de
osso e gente de papel”
Salim Miguel



artes plásticas + cinema + literatura + música e filosofia

Salim Miguel



Imortalidade, ainda que momentânea

ESCRITOR DE BIGUAÇU "E" DO LÍBANO, SALIM MIGUEL RECEBE NO RIO O PRÊMIO MACHADO DE ASSIS, A MAIOR DISTINÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

"Cultuar a nossa língua e a nossa literatura, que mais quer a nossa Academia?", diz o escritor alagoano Lêdo Ivo na cerimônia de entrega do prêmio Machado de Assis 2009, em 23 de julho, nos 112 anos da Academia fundada pelo autor de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", o mesmo Bruxo do Cosme Velho que contempla, em estátua, o adro da mais célebre instituição literária brasileira. O salão verde-água do Petit Trianon é pequeno para a multidão que, trajada com o rigor da circunstância, aguarda o maior premiado da tarde, o escritor libanês-biguaçuense Salim Miguel.

A tradição remonta a 20 de julho de 1897, quando João Maria Machado de Assis fez a leitura do discurso inaugural da Academia Brasileira de Letras, repetindo, segundo o filósofo e membro da ABL Tarcísio Padilha, a tradição da filosofia espe-

culativa de Platão, que fundou a primeira Academia em 387 a.C. Da "boa convivência entre os monarquistas e os republicanos", nas palavras de Padilha, surgiu a entidade brasileira em que "a liberdade de pensar é a norma", conforme escrito do crítico José Veríssimo em 1895.

Escolhido pela comissão formada pelos acadêmicos Marcos Villaça, Nélida Piñon, Lêdo Ivo, Alberto da Costa e Silva e Moacyr Scliar, o jornalista "catarinense" e autor do romance memorialista "Nur na escuridão" recebeu — pelo conjunto da obra — a distinção máxima da ABL, o Machado de Assis, com prêmio no valor de R\$ 100 mil, homenageado ao lado de nomes notórios como Silviano Santiago, crítico e romancista, e Paulo Bezerra, o tradutor da obra-prima dostoiévskiana, "Crime e castigo". Cícero Sandroni, o presidente da ABL, fez coro a Arnaldo Niskier, Murilo

Melo Filho e Carlos Heitor Cony, os "jornalistas que se alegram com a companhia do jornalista Salim Miguel".

Mas foram de Ivo as palavras mais calorosas: "por ele ser imigrante libanês, o nosso estatuto não o permite assentar-se na Academia", uma cláusula pétrea que limita a honraria aos brasileiros natos. Salim na ABL? "Cabe ponderar que o Brasil tornou-se um grande país de imigrantes" e a imortalidade, no discurso de Lêdo, não pode se confinar "ao estreito critério da nacionalidade". "O ter nascido no Líbano um dia não será impedimento para um escritor brasileiro" ocupar um lugar cativo na "casa de Machado e Euclides da Cunha."

Vindo "da província, da cidade que ostenta o nome de taciturno caudilho alagoano, Floriano Peixoto", diz o orador, o escritor do Grupo Sul compõe "perso-

nagens lípidos, com conhecimento da vida e dos homens, experiência pessoal consistente e o ininterrupto aprimoramento". Segundo Lêdo Ivo, a escrita de Salim Miguel é uma "lição de romance".

Aplausos, os outros prêmios entregues, e Salim atravessou o salão do Petit Trianon, devagar, quase cego, mas ainda vivaz, para ocupar o púlpito da Academia. Fala da infância, de livreiros, de curandeiros e dos companheiros do Círculo de Arte Moderna, diz da vida no Rio sob o regime militar, da velhice, da memória, traz de novo à vida Yose e Tamina. Mas quem fala não é Salim. Lendo-lhe tenuemente o discurso, é a autora de "Manhã" e de "Vozes veladas", a mulher, Eglê Malheiros, quem dá voz à 'voz submersa' de Salim Miguel.

Os dois, a dois. O momento de imortais. ▶

Fala de Salim Miguel no Petit Trianon da Academia Brasileira de Letras

"Receber o Prêmio Machado de Assis na casa de Machado de Assis creio ser consequência de meu trato com a palavra há quase 80 anos. Sempre tive como ofício ler e escrever. Esta honraria que me é conferida pelos acadêmicos torna-me orgulhoso companheiro de Paulo Rónai, Sábato Magaldi, Fausto Cunha, Antônio Cândido, Carlos Heitor Cony, J.J. Veiga, Joel Silveira, Fernando Sabino, Antônio Torres, Ferreira Gullar, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Autran Dourado, entre tantos outros de igual mérito, e reforça minha disposição de continuar trabalhando mais e melhor. É também uma grande satisfação ver nesta noite laureados valores como Silviano Santiago (romance), Denise Emmer (poesia), Francisco Ciro Fernandes (literatura infanto-juvenil), Paulo Bezerra (tradução), Maurício Gomes de Almeida (ensaio), Gisele Sanglard (história) e Rafael Conde (cinema).

Tomado pela emoção, recupero minha infância. Estou chegando aos nove anos, completei tardiamente o primeiro ano do primário no grupo escolar de Biguaçu, já consigo unir os miúdos signos mágicos que me fascinam, e não dependo só de minha imaginação e inventividade para recriar os incidentes do dia-a-dia. Posso rabiscá-los no papel, prenúncio do jornalista e do ficcionista. A fome de leitura me faz sair em busca de velhos jornais e revistas, almanaques e até bulas de remédio, nas casas de vizinhos e parentes.

Em um desses almanaques li pela primeira vez o nome de um escritor, exatamente Machado de Assis, no soneto "À Carolina", do qual minha memória preserva até hoje o primeiro quarteto. Logo me deparei com o poema "Litania dos Pobres", de Cruz e Sousa, do qual sei de cor também os primeiros versos. Dois escritores vindos das camadas mais pobres da população e que releio e redescubro até hoje. Ainda do Bruxo do Cosme Velho encontrei em Biguaçu (1936), na "Seleta" (ou "Selecta", como se escrevia e pronunciava então) um "apólogo", o diálogo entre a agulha e a linha, tão ou mais atual hoje do que quando foi escrito.

Nós somos basicamente o que a infância e a adolescência nos fez e eu sou um libano-biguaçuense, filho da perda Kfarsourun, no Líbano, e da real e mítica Biguaçu, microcosmo que reflete o macrocosmo. As crianças podem ser por igual extremamente solidárias e extremamente cruéis e isso me marcou para sempre. Ao mesmo tempo em que os camaradinhos me

apoiavam, quando tive malária, me faziam sofrer por meu falar arrevesado, misto de português com árabe e alemão, pelo estranho nome, por me chamarem de turco e por gostar de livros, o que provocava risadas escarninhas e por vezes um sussurrado "marica".

Minha insaciável fome de leitura só foi mitigada ao ler em voz alta um pouco de tudo para o livreiro, poeta, cego João Mendes. Eu era ouvinte atento dos poemas de sua lavra, porém jamais tive coragem de lhe falar de meus rabiscos.

Devo muito também ao preto velho Ti Adão, beirando os cem anos, curandeiro, esperto em plantas medicinais e inesgotável contador de causos, freguês da vendinha de meu pai em Biguaçu; ele costumava repetir uma frase paradigmática: "Sei o que sei, sei o que não sei, e o que não sei é mais do que aquilo que sei."

Tive uma escolarização fragmentada, só até o clássico. Meu aprendizado

mesmo nome. A gente aprende a fazer fazendo; atuamos em vários campos: editora, teatro, artes plásticas, música, cineclube, ciclos de palestras e realizamos o primeiro filme longa-metragem de Santa Catarina ["O preço da ilusão", 1958].

Preso durante o golpe de 1964, nossas vidas sofreram uma reviravolta brusca, fui obrigado a me transferir para o Rio, e de início enfrentamos tempos muito duros; aos poucos nos equilibramos. Trabalhando para uma empresa jornalística, viajei por todo o Brasil, podendo constatar as discrepâncias entre os poucos que têm mais do que tudo e a grande maioria que não tem quase nada, reforçando minha inconformidade com as injustiças e as desigualdades de um país potencialmente de riqueza incalculável. Outra experiência que me marcaria foi a aventura da revista "Ficção", da qual fui um dos editores, e que além do convívio al-

Devo muito a muita gente, em várias fases da minha vida, vou resumir-las em uma única pessoa: Eglê [Malheiros], companheira há mais de sessenta anos, com uma visão de mundo e dos problemas sociais bem mais abrangente que a minha: sem ela eu não seria quem sou.

Reitero meus agradecimentos aos que me proporcionaram este inesquecível momento e a amigos e parentes que aqui se encontram. À minha filha, filhos, noras, netas e netos, o meu carinho.

Ao concluir, quero confidenciar que vejo, ali ao fundo, um casal de mãos dadas, ela está dizendo: "Yose (quando feliz ou preocupada, ela não conseguia chamá-lo de Yussef, ou José), Yose, não é que o nosso menino conseguiu?" E ele: "Tamina, mulher (era assim que a tratava), eu não te disse? Se persistir conseguirá."

Persisti. Maktub. Muito obrigado." ■

"Quando nos dispomos a escrever, estamos sozinhos; aos poucos nossa solidão vai se povoando, seja com gentes de carne e osso, seja com gentes de papel; também o ler é um ato solitário, que vai sendo povoado por essas mesmas gentes, com a diferença de que o leitor pode, mais que aceitar o que lhe é entregue, mexer, modificar, cortar, acrescentar."

se fez com a vida e os livros, com gente de carne e osso e gente de papel. A guerra (1939-45) fez com que meus pais, sem nenhuma vocação para o comércio, mas precisando dele para viver, fossem tentar melhor sorte em Florianópolis. Desde logo, uma grande descoberta: a Biblioteca Pública do Estado, uma das três mais antigas do Brasil; um certo faro para o que é válido permitiu que eu selecionasse minhas leituras, não demora estava colaborando em jornais da terra. Na ficção, sou lento para concluir um texto, reescrevo e reescrevo, rasgo mais do que publico, porém devo muito ao jornalista, que precisa ser ágil, atento aos fatos, saber recolher o máximo e reduzir ao essencial.

Em 1946, jovens passaram a se reunir na capital, discutindo livros e aquele famoso "lê o meu que eu leio o teu". Era pouco. Insatisfeitos, queriam provocar a bela e adormecida Florianópolis, e resolveram, a exemplo de jovens de várias partes do país e do mundo, criar um movimento, o Círculo de Arte Moderna, depois conhecido como "Grupo Sul" devido à revista de

tamente estimulante, ajudou a divulgar centenas de escritores de todas as regiões e até do exterior.

Quase não creio, ou nem creio em inspiração, contudo acredito e muito em vocação, talento, persistência. Alguma vocação todos temos, talento é preciso cuidar e preservar e aí entra a persistência.

Minha literatura é marcada pela velhice e pela morte, pelo tempo e pela memória. Os temas com que o escritor trabalha são poucos e os mesmos desde o início dos tempos. A maneira de abordá-los é o que identifica um criador. No meu caso, não sou eu que saio em busca de situações, de personagens: eles é que me atropelam e pedem que trabalhem juntos. Às vezes dá certo, se não dá, peço-lhes desculpas, que procurem alguém com o qual estejam mais afinados.

Mesmo que a literatura sozinha não melhore esse mundo complexo, injusto, desigual em que vivemos, um livro pode mexer com a cabeça das pessoas. Cabe ao escritor provocar e deixar um retrato de seu meio e sua época.



texto | reportagem de Ô Catarinal
fotos | divulgação/ABL

\$ 3.-

Año 1

No. 5

veladas

Revista Mensual Literaria de la Biblioteca Popular
"Veladas de Estudio Después del Trabajo"



Manuel De Falla

Marzo

1957

sumario

| | Pág. |
|---|------|
| Borges: Intento de ensayo sobre su obra cuentística, por Julio Mafud | 69 |
| Viene el Recuerdo Tendido (poema), por Raúl Frocari | 71 |
| Breve comentario sobre la última novela de Jorge Amado, por Alexandre Cabral | 73 |
| Una ópera de Enescu: Edipo, por Emanoj Ciomar | 74 |
| La obra musical de Manuel De Falla, por Albino Kujta | 76 |
| ¿Qué es esto?, comentario de J. F. G. | 78 |
| Un encuentro casual, cuento por Boris | 79 |
| El realismo social en la última obra de Salim Miguel, por Antonio Simoes, Jr. | 81 |

el realismo social en la última obra de salim miguel

CON la publicación de "Rede", título sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salim Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguna Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelística de los grandes escritores brasileños.

Salim Miguel debatiase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendía a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en él una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseía una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psíquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero

por ANTONIO SIMOES (Jr.)

ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelístico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos, pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos, conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catalina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdótica al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en líneas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huérfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semif feudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo allí es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.